



*Etnomapeamento da Terra Indígena
Entre Serras de Pankararu*

Sumário

APRESENTAÇÃO

COMO FOI FEITO

OS PANKARARU E A TERRA INDÍGENA ENTRE SERRAS

QUANTOS SÃO E ONDE ESTÃO

PONTAS DE RAMA: A MOBILIDADE PANKARARU

NOSSA HISTÓRIA: ENTRE SERRAS, UMA RAMA PANKARARU

Histórias das Aldeias

Aldeia Carrapateira

Aldeia Lagoinha

Aldeia Barriguda

Aldeia Barrocão

Aldeia Olho d'Água do Julião

Aldeia Gabriel

Aldeias Piancó e Vila Nova

OS RECURSOS DA TERRA

Vegetação e o Relevo do Território

As Riquezas do Solo

A Caça

As Frutas

Águas: fontes e nascentes

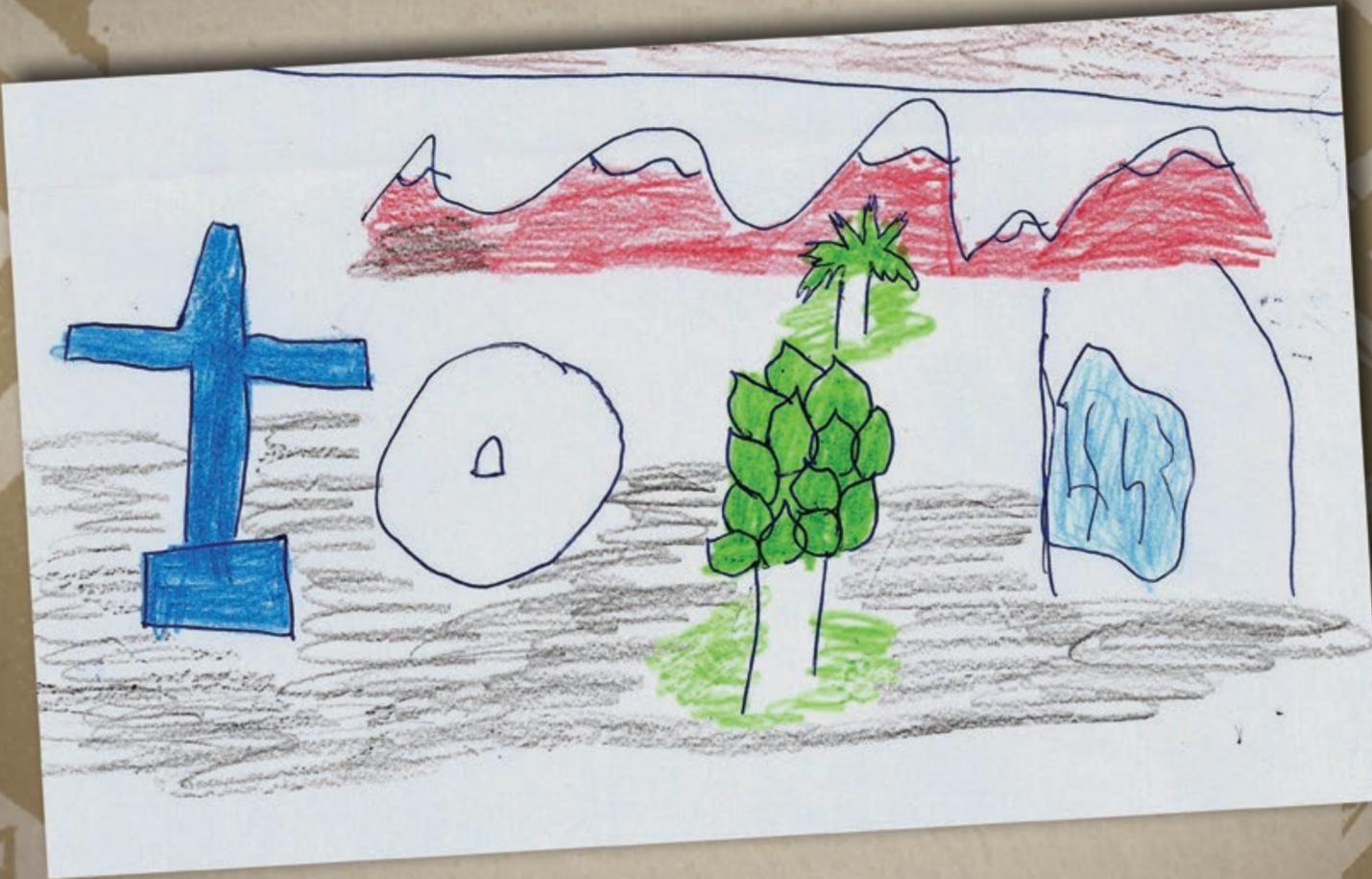
OS RITUAIS DE ENTRE SERRAS

Rituais Sagrados

As Ervas Medicinais

PRINCIPAIS AMEAÇAS E CONFLITOS AMBIENTAIS

PLANO DE AÇÃO



FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

PRESIDÊNCIA DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Artur Nobre Mendes

DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL - DPT
Walter Alves Coutinho Junior

DIRETORIA DE PROMOÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - DPDS
Patrícia Chagas Neves

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO - DAGES
Janice Queiroz De Oliveira

**UNIDADE DE GESTÃO DO PROJETO GATI –
GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL INDÍGENA**
DIRETORA NACIONAL DO PROJETO - DPDS/FUNAI
Patrícia Chagas Neves

COORDENADOR NACIONAL DO PROJETO - CGGAM/FUNAI
Fernando de Luiz Brito Vianna

OFICIAL DE PROJETO DO PNUD –
PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO
Rose Diegues

COORDENADOR TÉCNICO DO PROJETO - PNUD
Robert Pritchard Miller

COORDENADOR DE PLANOS DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL (PGTA) - PNUD
Ney José Brito Maciel

COORDENADORA FINANCEIRA DO PROJETO - CGGAM/FUNAI
Valéria do Socorro Novaes de Carvalho

ASSISTENTES ADMINISTRATIVOS - CGGAM/FUNAI
Caio César de Sousa de Oliveira
Sofia Morgana Siqueira Meneses

ANAÍ – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE AÇÃO INDIGENISTA

PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR
José Augusto Laranjeiras Sampaio

VICE PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR
Maria Rosário Gonçalves de Carvalho

EQUIPE TÉCNICA
Alexandre Santos Pankararu – Cineasta
Ana Paula Ferreira de Lima – Gestora do projeto
Avelar Araújo dos Santos Júnior – Geógrafo
Cristiane Gomes Julião – Pesquisadora indígena
Lara Erendira Andrade – Antropóloga
Marcelino Soyinka Dantas – Biólogo
Maurice Seiji Tomioka Nilsson – Geógrafo

SUPERVISÃO

Isabel Fróes Modercin – Bióloga/ Antropóloga – Projeto GATI
José Augusto Laranjeiras Sampaio – Antropólogo – Anaí

PRODUÇÃO E REVISÃO

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
Eliene Amorim de Almeida
Isabel Fróes Modercin

RELATÓRIO ORIGINAL

Lara Erendira Almeida de Andrade
Marcelino Soyinka Dantas
Maurice Seiji Tomioka Nilsson

CARTOGRAFIA

Maurice Seiji Tomioka Nilsson

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Humberto Jorge Farias e Gustavo Santos

**PRODUÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS POR PROFESSORES,
PROFESSORAS E LIDERANÇAS ENTRE SERRAS DE PANKARARU | 2016**

Antônia Marina Pereira dos Anjos
Alba Rafaela da Silva Ferraz
Aline Cristiane da Silva Ferraz
Aline Nadiane dos Santos
Aline Gabriela dos Santos Vieira Gomes
Ana Selma Cavalcante Moura
Clotilde Batalha da Paz
Cleidejane Prazeres da Silva
Cleones Maria do Nascimento
Clauadinéia Maria do Nascimento
Cleciana Maria do Nascimento
Diana Maria da Silva
Edilma Cavalcante Santos Menezes
Edileide Maria do Nascimento Silva
Elissandra Maria do Nascimento Melo
Eliziane Maria do Nascimento Cruz
Eronaldo Bezerra Batalha
Erinaldo B. Batalha
Eliene Maria dos Santos
Edna Maria Aristides da Silva
Elisa Urbano Ramos
Edvan Martins da Silva
Fabiana Fiel do Nascimento
Fabiana dos Anjos Nascimento
Flaviana Monteiro de Carvalho Araújo Gomes
Graciela Pereira de Souza
Girlaina Vanessa da Silva
Gilmara Rita da Silva

Gerlane Samara da Silva Barbosa
Hélio Hortêncio Ferreira
Iris Cleide B. da Silva
Islane Sâmile Rodrigues da Silva
Ianoana B. de Souza
Jaqueline Maria de Araújo Batalha
Juliana de Souza Santos
Jeane Pereira dos Santos Araújo
José Ronaldo do Nascimento
Jussara Evelyn da Silva Noia
Jussara Monakelly da Silva Lourenço
Jacson Carlos dos Santos
Luciana do Nascimento Ferraz Santos
Lúcia de Souza Cavalcante
Luana Maria da Silva
Laudice Bezerra Batalha de Souza
Maria Luciene dos A. Souza
Maria Luciene de Carvalho Lima
Maria da Saúde de Melo Sá
Maria José de Souza Sena
Maria Jose de Oliveira
Maria Jacira Ferreira
Maiza Maria das Cruz Araújo Barros
Maciel Manoel do Nascimento
Marta Torres do Nascimento
Maria Cátia dos Santos
Marcileide Fernandes da Silva
Maria Lidiana dos S. Damasceno
Maria Eliane de Souza

Maria José Naiane dos Santos
Maria Sandra da Silva
Maria Patrícia da Silva
Maria Socorro dos Anjos Amaral
Maria Elizângela do Nascimento
Maria Aline da Silva Valério
Maria Edilma da Silva
Maria Auxiliadora da Conceição
Maria Auxiliadora dos Santos
Michelle Gomes da Silva
Michele Maria de Souza
Maria da Cruz Silva
Mônica dos Santos Torres
Maria Leticia dos Santos
Marcio Guilherme da Cruz
Nailma dos Santos Pereira Silva
Nailza dos Santos Pereira
Quitéria Maria Santos
Roberta Kelle dos Santos
Romilda Davina dos Santos Silva
Rosiane Cícera da Souza Santos
Rayana dos Santos Silva
Ricardo Barbosa de Souza
Sandra Regina da Silva
Sandro Barros Ferreira
Sirlene Maria dos Santos Silva
Saiane Bezerra Batalha
Sivanildo Severino Santos
Zenilda Bezerra Barros

**PARTICIPANTES DAS OFICINAS
E ATIVIDADES DO ETNOMAPEAMENTO
E DIAGNÓSTICO POR ALDEIA | 2014-2015**

BAIXA DO LERO
Ana Cristina da Silva
Antônio Domingos da Silva (Tonho da Baixa)
Cássio José da Silva
Genilda Maria de Jesus
GildeteAdelzuita dos Santos
Ivanilda Maria de Jesus
João José da Silva
Júlia Antônia da Silva
Laerson Domingos da Silva
Maria da Saúde de Jesus
Mariluci Maria da Silva
Marineide Maria da Silva Gomes
Marineide Maria de Jesus Silva
Poliana João da Silva
Rita de Cássia Júlia da Silva

BARRIGUDA

Erasmus Bezerra Batalha Júnior
Maria Rosimeire da Silva

BARROÇÃO

Marilene F. Silva Souza

BEM QUERER DE BAIXO

Rafaela Dantas da Silva

BEM QUERER DE CIMA
Catharina Ramos
Carina Ramos de Souza
Eronides José Andrade Neto

BREJO DOS PADRES

Cristiane G. Julião
Elisa Urbano Ramos
Erika Monik dos S. Silva
George de Vasconcelos
José Clodoaldo de Sousa Monteiro
Sydney Bezerra Batalha
Tiago da Silva Oliveira

CARRAPATEIRA E OLHO D'ÁGUA DO JULIÃO

Antônio Severiano de Jesus
Claudinéia Maria do Nascimento
Cleones Maria do Nascimento
Dilma Célia do Nascimento Silva
Elissandra Maria do Nascimento Melo

ELLIZIANE MARIA NASCIMENTO

Jeane Barros da Silva
João Serafim Nascimento
Leydjane Barros da Silva
Lívia de Souza Cavalcante

MACIEL MANOEL DO NASCIMENTO

Maria Cátia dos Santos
Maria Elizângela do Nascimento
Maria Helena da Conceição (D. Lena)
Maria Helena de Jesus
Pedro Serafim do Nascimento
Sandra Regina da Silva

ESPINHEIRO
Zenaide B. P. Gonzaga

LAGOINHA

Bruno Rodrigo da Silva
Danicleide Maria dos Santos
Francisco de Assis Crispim da Silva
Jéssica Maiara P. de Oliveira
Manoel da Silva
Marcelo Gomes Monteiro
Maria das Graças do Nascimento
Maria da Graça de Sá
Maria Helena de Araújo
Micaela Oliveira
Rivaldo
Rosália Maria do Nascimento

LOGRADOURO

Joseam Carlos dos Santos
Roberto Manoel da Silva

MUNDO NOVO

Arnaldo João Gomes
Cesar Alves da Silva
Cícero de Souza Cardoso
Edson Manoel Ferreira
Hilda Bezerra Barros
Hortencio José Ferreira
José Carlos Gomes da Silva
José João da Silva
José Odílio Batista
Maria Cecília da Silva

Maria Cícera Ferreira
Maria da Graça
Maria Jacira Ferreira
Sivaldo Severino Gomes

PIANCÓ / VILA NOVA / SALÃO

Moacir Torres
Maria Auxiliadora Soares

PORTEIRÃO

Ana Maria dos Santos
Cícero José dos Santos
Elimar Elias Barbosa
José Alberto de Melo
Maria da Conceição Barbosa da Silva
Maria Lúcia da S. Freire de Sá

SERRINHA

Aparecida Gomes da Silva

| PESSOAS ENTREVISTADAS |

Antônio Domingos da Silva (Tonho da Baixa)
Antônio Severiano de Jesus (Antônio de Ana)
Cícero Vermelho
Hilda Bezerra Barros
João Serafim Nascimento (Danda)
Manoel Avelino dos Santos
Maria Helena da Conceição
Valdenor João do Nascimento
Zé de Chá Preto



*Neste livro queremos demonstrar
A grandeza de ser indígena
Aqui neste lugar
Entre Serras é meu povo
Meu protetor é o Praiá
Sempre me guia e me acompanha
Do sol nascer até o dia findar.
(professores e professoras)*

Aluna: João Antonio

APRESENTAÇÃO

Essa publicação é fruto de uma parceria entre o povo Pankararu, da Terra Indígena Entre Serras, a Associação Nacional de Ação Indigenista (Anai), a Fundação Nacional do Índio (Funai) e Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI)

O objetivo desse livro é apresentar a situação da Terra Indígena Entre Serras de Pankararu e quais os planos de futuro desse povo em relação à gestão ambiental e territorial, através do etnomapeamento construído de maneira participativa em 2014 pelos representantes indígenas de Entre Serras e a equipe técnica da Anai.

A Anai, uma associação atuante na causa indígena há mais de 30 anos, foi indicada pela Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo - Apoinme para apoiar comunidades indígenas no bioma da Caatinga na elaboração de Etnomapeamentos e Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs).

Os etnomapeamentos e etnozoneamentos são ferramentas de gestão dos territórios previstas na Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental nas Terras Indígenas, a PNGATI (Decreto nº 7.747 de 05/06/2012).

Os Pankararu da TI Entre Serras fizeram seu etnomapeamento motivados pelo desejo de que ele contribua para a garantia dos direitos territoriais e com o enfrentamento de desafios relacionados a questões ambientais, tais como: a falta de livre acesso ao rio São Francisco; a recuperação das terras que ainda estão nas mãos dos posseiros; a situação das terras “esgotadas”; os riscos à biodiversidade; a manutenção do croá (planta importante para os Pankararu); a necessidade de garantir a autonomia cultural e política para melhor desenvolver a gestão ambiental e territorial; a necessidade de desenvolver alternativas econômicas capazes de gerar renda de maneira sustentável; e, por fim, a luta cotidiana desse povo para conservar e proteger seu território.

Para os Pankararu de Entre Serras, a garantia do direito ao usufruto pleno dos recursos de seu território e o acesso a políticas públicas voltadas para a educação escolar, saúde, produção e meio ambiente são fundamentais para o Projeto de Bem Viver desse povo. Para eles, a gestão ambiental e territorial das terras indígenas tem impactos positivos para além dos limites dela, pois garante serviços ambientais para todo o seu entorno.

Com a publicação deste material espera-se divulgar a maneira como o povo Pakararuru de Entre Serras entende sua relação com seu território, suas estratégias de sobrevivência, apresentando também os principais desafios enfrentados pela comunidade atualmente. Professores, professoras, estudantes e jovens participaram efetivamente da sua redação final e será um material utilizado pelas escolas, associações e lideranças indígenas.

COMO FOI FEITO

O Etnomapeamento da Terra Indígena Entre Serras de Pankararu foi construído em três etapas que transcorreram entre os meses de junho de 2014 e janeiro de 2015, sendo elas: 1) Sensibilização e mobilização; 2) Diagnóstico e etnomapeamento e 3) Validação e proposição dos indicativos de gestão. Os resultados do trabalho foram apresentados e discutidos no Seminário Pensando Gestão Ambiental e Territorial com Povos Indígenas no Nordeste, que aconteceu na cidade de Paulo Afonso (BA) em abril de 2015, com a participação dos Xokó (SE), Pankararu (PE), Xukuru (PE), Potiguara (PB), Tremembé (CE) e Caxixó (MG), além de representantes da Funai e outras organizações parceiras.

Tendo como princípio o protagonismo dos indígenas de Entre Serras de Pankararu foram realizadas reflexões sobre as atuais condições socioambientais do seu território, com assessoria da equipe da Anai, composta por uma antropóloga, um geógrafo, um biólogo e um cineasta e uma geógrafa indígenas. Através da elaboração de mapas foi discutido e proposto um planejamento de ações voltadas para a sustentabilidade ambiental e para a qualidade de vida das presentes e futuras gerações. Nesse sentido se definiu temas de pesquisa e atividades de campo para realização do etnomapeamento, nas quais os anciãos e lideranças eram os guias e professores.

No primeiro passo, Sensibilização e mobilização, foram definidas as estratégias de ação; o planejamento do desenvolvimento do projeto e o registro audiovisual. Esse passo foi desenhado para fortalecer o diálogo entre a equipe técnica e a comunidade na construção e implementação das ações. Aqui é importante registrar que antes mesmo desse processo, já havia indígenas de Entre Serras de Pankararu mobilizados pela temática da gestão territorial em virtude da Terra Indígena (TI) ser referência do Projeto GATI, o que contribuiu bastante para o êxito desse primeiro passo.

O segundo passo, Diagnóstico e etnomapeamento, foi dividido em duas fases, nas quais foram realizadas oficinas de etnomapeamento; caminhadas nas aldeias; entrevistas; identificação dos temas mobilizadores e registro audiovisual.

Na primeira fase foram realizadas três oficinas. A primeira na aldeia Piancó/Salão/Vila Nova; a segunda, na sede da Casa de Memória Pankararu; e a última nas aldeias Mundo Novo e Lagoinha. Essas oficinas tiveram como objetivo iniciar o debate sobre gestão territorial e ambiental e identificar os temas de interesse para a realização do diagnóstico e etnomapeamento. Nas oficinas também foram planejadas caminhadas pelas aldeias, entrevistas e registros de pontos pelo Sistema de Posicionamento Global (GPS), que os indígenas considerassem importantes.

As caminhadas aconteceram em dias alternados pelas aldeias: Carrapateira e Olho d'Água; Piancó, Barriguda, Logradouro e Barrocão; e também na TI Pankararu, nas aldeias Brejo dos Padres, Tapera e Carira. Sempre guiadas por indígenas, as caminhadas permitiram uma visão panorâmica do território em que puderam ser identificados: capela, espaços sagrados, escolas, nascentes, cruzeiros, roças, áreas de caatinga e de ocorrência de caroá, ou seja, os espaços estratégicos para se diagnosticar a situação territorial e ambiental, pensando na sua gestão.



Entrevistas com lideranças
Fotos: Lara Erendira Andrade



Lideranças identificando locais importantes no território
Foto: Lara Erendira Andrade



Caminhadas
Foto: Avelar Junior



Jovens indígenas participando da oficina de mapeamento
Foto: Avelar Junior



Mapas produzidos pelos indígenas nas oficinas
Foto: Lara Erendira Andrade

Na segunda fase foram realizadas duas oficinas temáticas, nas aldeias Mundo Novo e Baixa do Lero que tiveram como objetivo mapear e aprofundar as informações produzidas no processo anterior. Durante as oficinas discutiu-se a importância dos mapas, seus usos e também o que são as imagens de satélite. Além disso, foram realizadas consultas com os participantes sobre que locais eles gostariam de ver representados nos mapas além de se verificar se as informações estavam completas e corretas. Nessa fase as caminhadas foram realizadas procurando-se identificar os espaços onde existem as águas na TI e entorno. Dessa forma visitou-se: caixa d'água e rio São Francisco; Caatinga; rio Moxotó e nascentes da aldeia Olho d'Água; roças; nascentes de Brejo dos Padres.

O terceiro passo foi a Validação e proposição dos indicativos de gestão, também realizado através de três oficinas nas aldeias Carrapateira, Logradouro e Mundo Novo. As oficinas tiveram como objetivos apresentar para os participantes os resultados do diagnóstico, além de explicar para as pessoas que não participaram do processo a importância dessa ferramenta para que todos pudessem se apropriar dela. Dessas oficinas saíram as seguintes propostas: produção de um atlas com mapas; impressão dos mapas em lona para deixar nas escolas; disponibilização do diagnóstico para professores.

Além das oficinas o material produzido foi apresentado para as lideranças de forma a garantir a sua anuência. Nesse momento foi possível complementar informações dos mapas. Os etnomapas elaborados abordam temas considerados de interesse pelos indígenas de Entre Serras para a discussão da gestão ambiental e territorial.

O Etnomapeamento e as discussões sobre a gestão territorial e ambiental da TI Entre Serras de Pankararu foram registrados através de fotografias e filmagens. Nesse sentido esta publicação é composta de uma série de fotografias que ilustram o caminho trilhado. Esse material pode ser visto no canal **Anai índios** do Youtube e na página **Gestão Ambiental e Territorial Indígena no Nordeste** do Facebook.

Por fim, a equipe da Anai voltou ao Território de Entre Serras para discutir com os indígenas a publicação do Etnomapeamento e Plano de Ação em formato de livro. Para isso, foram realizadas duas oficinas onde os participantes leram os textos dos relatórios e escolheram o que deveria ser publicado. Além disso, elaboraram outros textos, poesias e desenhos para ilustrar o livro. Dessa forma, o texto que agora é publicado foi escrito pelas mãos da equipe da Anai e dos indígenas de Entre Serras.

OS PANKARARU E A TERRA INDÍGENA ENTRE SERRAS

A localização das Terras Indígenas Entre Serras e Pankararu, corresponde ao sítio de uma antiga missão da ordem religiosa de São Felipe Néry. Essa missão reuniu em fins do século XVIII, no Brejo dos Padres, localizado na Serra de Tacaratu, índios de diferentes origens. Conforme o antropólogo José Maurício Arruti, no local em que foi instalada essa missão já existia uma "maloca indígena denominada Cana Brava, formada pela reunião de índios Pancarus, Umaus, Vouvês e Geritacós, presumivelmente do grupo linguístico Kariri"¹.

Um ato imperial do ano de 1878 extinguiu este aldeamento, que naquela ocasião contava com mais de 350 indígenas. Com o fim do aldeamento o governo imperial, contando com a colaboração de membros das localidades vizinhas de Tacaratu e Jatobá, redistribuiu as terras do Brejo em cerca de 100 lotes familiares para os "caboclos do Brejo", como eram chamados os Pankararu naquela época. Naquela ocasião a perspectiva do governo era de os "caboclos" "crescerem e se misturarem definitivamente à população local, prosperando em seu próprio interesse e de sua Comarca"².

Porém, ao contrário do que previa a perspectiva integracionista do governo imperial, passados cerca de 60 anos do fim do aldeamento – especificamente nos anos de 1930 –, as famílias da região acessaram o órgão indigenista oficial, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e conseguiram que fosse fundado no Brejo dos Padres o posto indígena Pankararu. Foi nesse contexto que se desenrolam as mobilizações em torno de identidade étnica e as reivindicações para a regularização fundiária do território propriamente indígena.

O processo de regularização da terra indígena se arrastou até o fim do século XX e adentrou os anos 2000. Nesse percurso a única área reivindicada inicialmente acabou sendo dividida em duas terras indígenas que são contínuas, mas que tem processos administrativos de regularização fundiária distintos: a Terra Indígena Pankararu, homologada pelo Decreto 94.603 de 14.07.1987, com 8.100 ha; e a Terra Indígena Entre Serras, homologada por decreto de 19.12.2006, com 7.750 ha.

Esses processos distintos ganharam uma dimensão política relevante para segmentos do grupo indígena, que acabaram por figurar os que hoje se auto identificam como "Entre Serras Pankararu".

Segundo o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Entre Serras, o trecho do território Entre Serras não havia sido demarcado até o momento do estudo, em virtude de quatro principais fatores: "a contrariedade dos interesses de proprietários e políticos do município de Tacaratu, a má fé de funcionários do antigo SPI, uma determinada lógica de operação da Funai (difícil de apreender e descrever) e, finalmente, disputas faccionais internas entre os Pankararu"³.

(1) ARRUTI, José Maurício de Paiva Andion. Pankararu – Introdução e bibliografia. Dia 23 de março de 2012. Disponível em: <http://jm-arruti.blogspot.com.br/2012/03/pankararu-introducao-e-bibliografia.html>. [Acesso em: 17/05/2014]. Há uma série de textos que trabalham de forma mais aprofundada esse contexto histórico. Indicamos para tanto a dissertação de José Maurício Arruti: ARRUTI, José Maurício de Paiva Andion. O Reencantamento do Mundo: Trama histórica e arranjos territoriais Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia – MN/UFRJ. 1996. Disponível em: <http://indiosnordeste.com.br/wp-content/uploads/2014/01/1996-Arruti-Disserta%23U00e7%23U00e3ob.pdf>.

(2) Idem ao anterior.

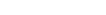
(3) ARRUTI, José Maurício & Ferreira, Ivson. Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Entre Serras/PE. Recife: Funai, 2000.

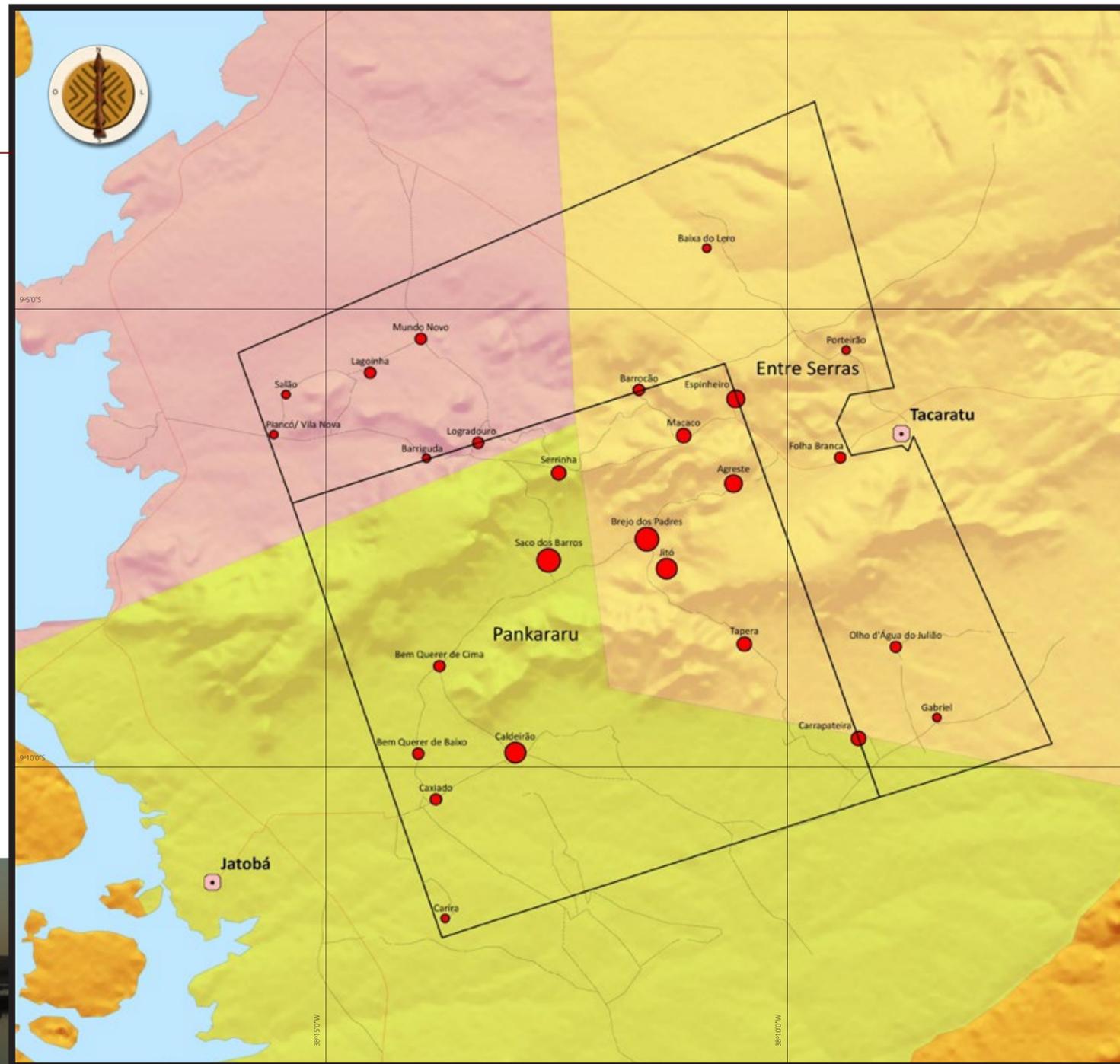
Povo Entre Serras Pankararu
Vale a pena enfatizar
Nossas lutas e conquistas
Que valeu a pena trabalhar
Em 19 de abril de 2006
Saiu a publicação do decreto da demarcação
E as terras de Entre Serras
Passaram para uma nova organização.
Também não podemos esquecer
Que em 2003 garantimos o nosso direito
De fortalecer nas escolas
Nossa identidade de geração a geração
E os índios Entre Serras
Com a mão no coração
Pedem a Deus e as Forças Encantadas
Que abençoem este chão
Para continuar vivenciando
Nossa cultura e tradição.

(Wiara Biatriz e Ranielle Mayara, alunas
9º ano da Escola Princesa Isabel)

Mapa 1 - População por aldeias e divisão municipal

Legenda

-  Cidade
-  Terras Indígenas
- POPULAÇÃO DAS ALDEIAS
-  0 - 10
-  11 - 100
-  101 - 250
-  251 - 350
-  351 - 500
-  501 - 644
-  645 - 1329
-  Estrada pavimentada
-  Estrada de terra
- MUNICÍPIO
-  Jatobá
-  Petrolândia
-  Tacaratu

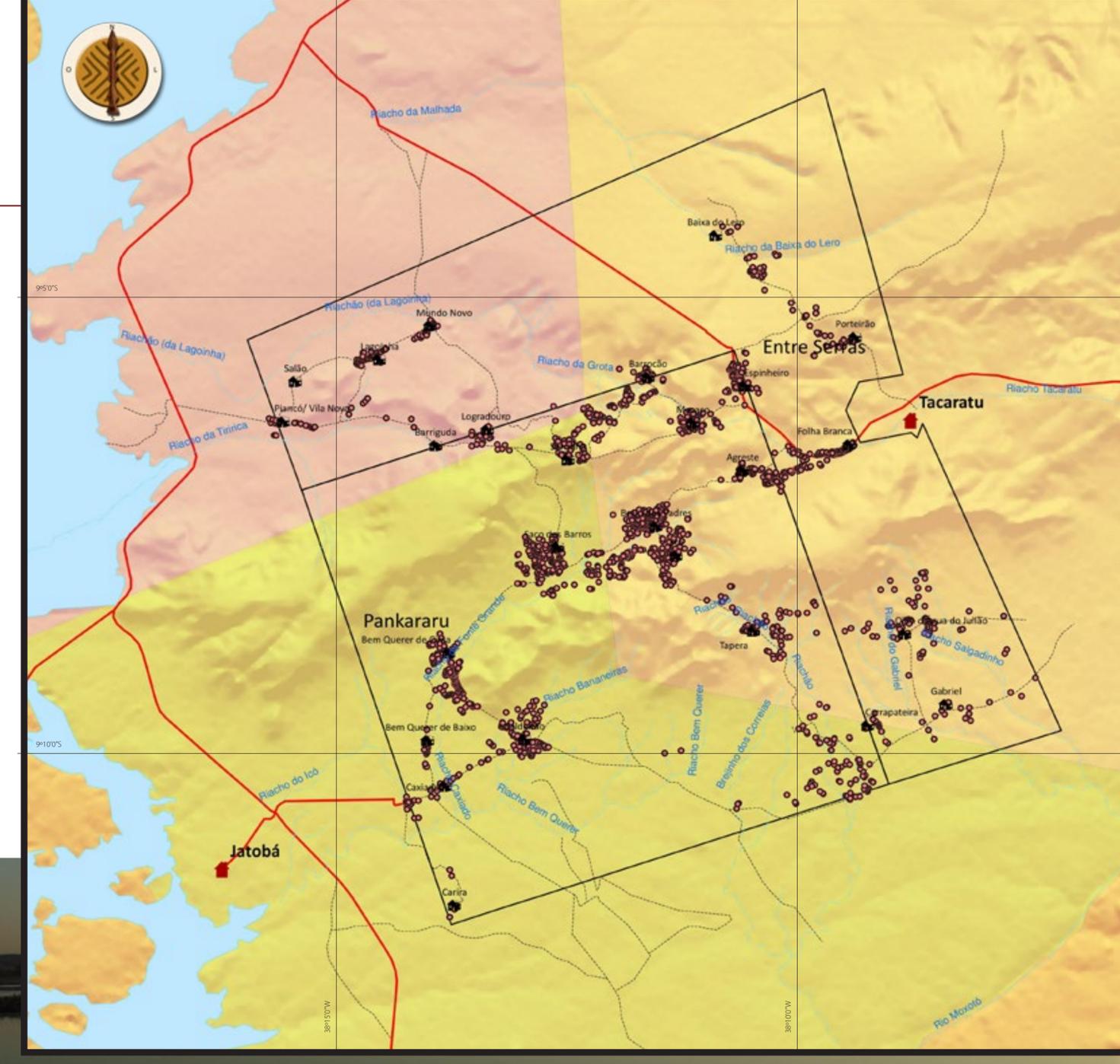


Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

Mapa 2 - Distribuição das residências nas terras indígenas

Legenda

-  Casas
-  Cidade
-  Aldeia
-  Riachos temporários
-  Terras indígenas
-  Estrada pavimentada
-  Estrada não pavimentada
-  Represas
- MUNICÍPIO
-  Jatobá
-  Petrolândia
-  Tacaratu



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

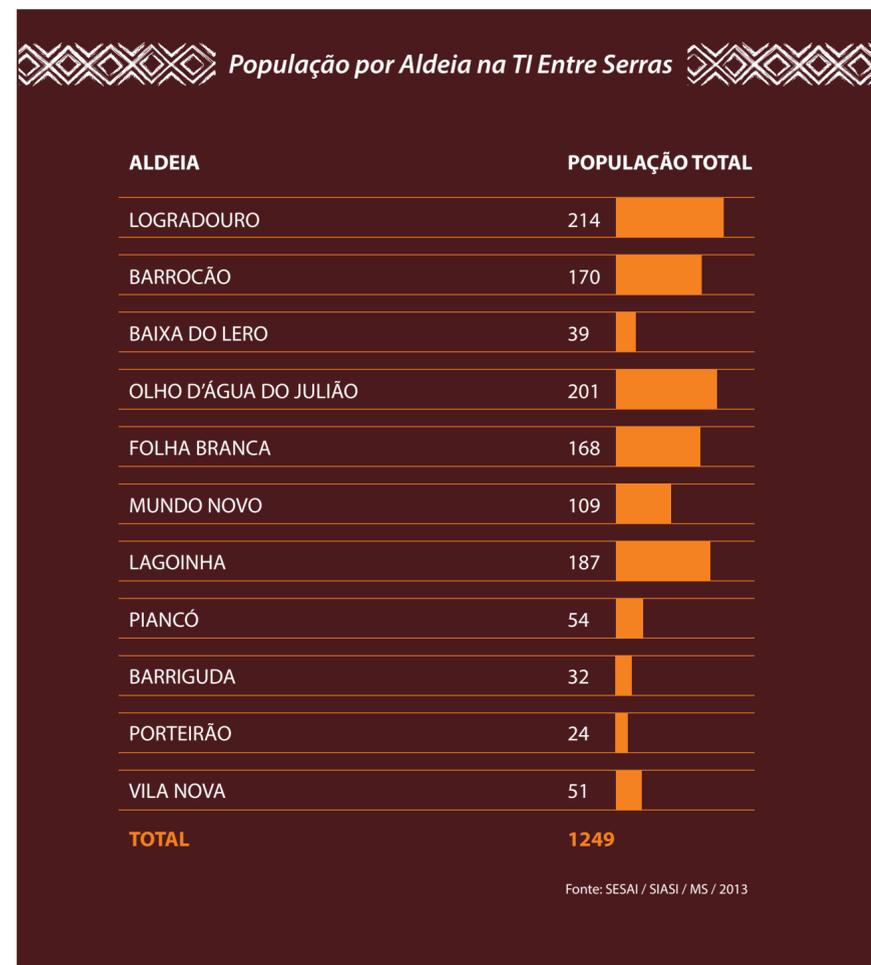
QUANTOS SÃO E ONDE ESTÃO

Segundo os dados do censo do IBGE 2010 os indígenas no Brasil atual correspondem a 817.963 pessoas de 305 etnias diferentes representando 0,4% da população brasileira. O Nordeste brasileiro tem o segundo maior contingente populacional das regiões do país, somando 208.691 indígenas. Pernambuco destaca-se nesse cenário, contando com a quarta maior população indígena entre os estados brasileiros. São 53.284 indígenas, só estando atrás respectivamente dos estados do Amazonas, Mato Grosso do Sul e Bahia. Os indígenas em Pernambuco representam 0,6% da população do estado e 6,5 % da população indígena do país.

A etnia Pankararu tem a segunda maior população indígena no estado de Pernambuco, com mais de 7.500 pessoas distribuídas principalmente em duas Terras Indígenas (TI): a TI Entre Serras e a TI Pankararu. Essas áreas estão localizadas entre o agreste e o sertão do estado, nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá.

A TI Entre Serras abrange áreas de três municípios pernambucanos: Tacaratu, Petrolândia e Jatobá. Apesar da pequena população desses municípios (o maior não passa dos 35.000 habitantes), eles constituem as principais referências em termos de oferta de serviços e principalmente de comércio para os Pankararu, uma vez que é nas feiras dessas localidades que é vendida a maior parte da produção agropecuária e extrativista oriunda da área indígena.

Atualmente a população pankararu reside principalmente em aldeias nas referidas terras indígenas, mas também em áreas urbanas e rurais vizinhas. Segundo os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), a população Pankararu conta com 7.643 indígenas. São uma parcela significativa da população dos três referidos municípios: perfazem 11% da população total ou 27%, se considerados apenas os habitantes das áreas rurais, de forma que os indígenas se colocam também como agentes marcantes nas políticas públicas municipais.



É importante mencionar que uma parte significativa desse contingente populacional indígena de Pernambuco e também do Nordeste encontra-se na região do submédio São Francisco. Nessa região semiárida o rio São Francisco e seus afluentes principais são elementos fundamentais no cotidiano desses povos. Para os Pankararu não é diferente, as dinâmicas do rio São Francisco – único rio perene da região – e do rio Moxotó – temporário – são cruciais no dia-a-dia para aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos desse povo.

A grande densidade populacional em algumas aldeias foi um dos motivos que alavancou a mobilização política e o processo de luta pela TI Entre Serras, como é mencionado frequentemente nas conversas com os anciãos: “nós estávamos imprensados na Serrinha, não íamos aceitar ficar sem toda terra”. Reflexos desse histórico ficam evidenciados ao se observar que, ainda hoje, algumas das aldeias com maior contingente populacional, como Brejo dos Padres, Jitô e Saco dos Barros, estão situadas nas encostas das serras na TI Pankararu. Essa densidade também faz pressão sobre os recursos do território, seja sobre vegetação, nascentes, caça ou caroá, matéria-prima para confecção dos Praiás, um dos principais elementos dos rituais da etnia. Além disso, o relevo acidentado e a ainda marcante presença de posseiros em grandes parcelas das terras indígenas influenciam fortemente na distribuição das aldeias e impedem o pleno uso do território pelos indígenas.

PONTAS DE RAMA: A MOBILIDADE PANKARARU

A mobilidade pankararu é um aspecto importante a ser considerado no trato da gestão do território, pois reflete uma forma de uso que não se restringe às fronteiras estabelecidas pelo Estado. Há registros de milhares de indígenas da etnia Pankararu em outros Polos Bases e Dseis (Distritos Sanitários Especiais Indígenas): em Pernambuco, em agrovilas da região em virtude da falta de terras ocasionada pela intrusão de posseiros em seu território, ou em outros municípios como Carnaubeira da Penha; em outros estados como Alagoas, Minas Gerais e Tocantins; sem falar na presença dos Pankararu na cidade de São Paulo, para onde emigram há mais de 60 anos e já somam hoje mais de 2000 indígenas.

As famílias Pankararu mantiveram ao longo de sua história uma mobilidade por todo o submédio São Francisco. Estabeleciam contatos com outros povos indígenas da região, a exemplo dos Tuxá, Fulni-ô e Kambiwá, por meio de convites para a realização de torés.

Vale mencionar ainda os laços com os Pankararé, na Bahia, em função da memória de uma origem comum; e com os povos que se identificam como suas “pontas de rama”. A metáfora “ponta de rama” é utilizada pelos índios para nomear as etnias que se formam a partir de famílias que saem do território pankararu, em função da expropriação das terras do antigo aldeamento de Brejo dos Padres, que também, por metáfora, é identificado como o “tronco velho”.

São pontas de rama Pankararu os Geripankó, os Karuazu e os Katokin, do município de Pariconha; os Kalancó, em Água Branca; e os Koiupanká, em Inhapi, todos no sertão alagoano. Há ainda os Pankaiwká, formados a partir do encontro de algumas famílias Pankararu que se estabeleceram no povoado da Volta do Moxotó, distrito de Jatobá (PE), com famílias dos Geripankó e Karuazu; e, por fim, na outra margem do São Francisco, no município de Glória, Bahia, estão os Kantaruré. A atual distribuição da árvore pankararu pode ser conferida no mapa das pontas de rama que acompanha esse texto.

Mapa 3 - Pontas de Rama Pankararu



Legenda

PONTAS DE RAMA PANKARARU

Ponta de rama:

- Gerinpacó
- Kalankó
- Kantaruré
- Karuazu
- Katokin
- Koiupanká
- Pankaiwka
- Cidade
- Rio e riachos
- Terras indígenas

- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada
- Pernambuco municípios
- Bahia municípios
- Alagoas municípios
- Rios e represas

Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed escis que eaque di omnimpোরiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

PONTA DE RAMA

Peço licença ao meu povo
Que agora vou contar,
Da história pontas de rama, uma
delas a se comentar
Se você quiser saber
Vamos no mapa mostrar
Com orgulho nossas aldeias
Para todos se informar.
Tem a aldeia Logradouro
E tem Barroco
Temos a aldeia Piancó
E a aldeia Salão
Juntamente com essas aí, vem mais
um povão
Barriguda, Lagoinha, Mundo Novo e
Porteirão
Não podemos esquecer Carrapateira,
Folha Branca e Olho d'Água do Julião
Seguindo a nossa missão
Agora vamos falar
As pontas de rama iremos apresentar:
Falando da aldeia Pankararu
O sobrenome a se contar
Pankaru Geritacó Cacalancó Umã
Tatuxi de Fulô
Dizem os mais velhos, pois a esse
sobrenome dão valor.
E assim continuamos a falar
As pontas de rama agora vamos citar
Temos Pankaru, Geripankó,
Kantaruré, Kalancó, e os Pankararu
do Real Parque
Não esquecendo a relação dos Karijô e
os Xarantes
Que mantiveram contanto em
movimentos constantes.

A história das pontas de rama ainda
não terminou
Nos tempos futuros outros povos se
formou.
Temos o Povo Entre Serras,
Pense num povo de valor
Conta sua história não se esquece
De quem esse se gerou.
Não podemos esquecer do povo
Pankaiwka
Que também da sua história há muito
a se falar
Pense num povo lutador
Que às margens do rio se localizou
O nome do rio não podemos esquecer
Esse sim tem muito a nos fortalecer.
Por trás de sua história tem muita
tristeza
O rio São Francisco faz parte das
nossas riquezas.
Se de alguma ponta de rama eu me
esqueci
Por favor me lembrem agora
Para que eu possa registrar aqui.
Termino esse cordel dizendo obrigado
Pela atenção de vocês.
Quem puder fazer melhor
Que declame outra vez.

(Professores da Escola Logradouro: Diana Maria da Silva, Maria Lidiana dos Santos Damasceno, Marcio Guilherme)

**NOSSA HISTÓRIA:
ENTRE SERRAS,
UMA RAMA
PANKARARU**

(Autoras: Elisa Urbano Ramos e Rosiane Cícera de Souza)

A história de Entre Serras está intrinsecamente ligada à história do território pankararu. Por isso, temos que recorrer ao princípio da história da terra mãe da etnia pankararu.

Da área de 14.294 hectares do território pankararu que sempre viveu na memória dos indígenas, contam os mais velhos que foi por ela que sempre lutaram. Afirmam que, na primeira demarcação, na década de 1980, lideranças dos Pankararu entraram em acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai) em Brasília e aceitaram a demarcação de apenas 8.100 hectares, que hoje representa a área da Terra Indígena Pankararu.

Por ser uma decisão que não satisfaz a todas as famílias dos Pankararu, algumas famílias que trabalhavam na área que hoje é Entre Serras, que na época eram arrendatários, organizaram-se, sob o comando da cacique Dona Hilda e outras lideranças, e foram para a luta pela demarcação do restante da área Pankararu, que é a atual Entre Serras.

Então aconteceu a demarcação e homologação de 7.750 hectares, onde se constituiu outra organização social denominada Entre Serras de Pankararu, mas com cultura e tradição dos nossos antepassados.

Ao considerarmos que todo Entre Serras é um Pankararu, e que ser um Entre Serras é ser pertencente a uma organização social própria, quando tratamos do assunto, vamos encontrar diferentes falas, tanto de antropólogos quanto de indígenas, que geram explicações, mas também polêmicas, principalmente quando relacionadas a famílias ou outros povos formados com pessoas advindas de Pankararu.

Portanto, “pontas de rama” é uma metáfora, ou diversas metáforas diferentes, que nos levam a compreensões, entendimentos e encaminhamentos em diferentes contextos. Por isso, nesse momento, vamos nos inspirar nas palavras de uma grande líder: “Pontas de ramas são as crianças, que dão continuidade à grande árvore” (Dona Hilda).

Nesse contexto, estamos fazendo referência a um presente que se projeta para um futuro através do ensinamento dos mais velhos/as para jovens e crianças. Quando Dona Hilda pergunta: “quem são o futuro da aldeia?” Nos remete a uma resposta imediata, de que “são as crianças”. Mas esse futuro de quem estamos falando nos remete também ao passado, a um passado que nos deixou de herança muitos saberes, uma cultura própria e a tradição dos nossos antepassados.

Trata-se de “Narrativas míticas”: “o grande tronco é eterno”, “o tronco velho” que se renova sempre; que viaja por gerações e gerações, ele vai e volta, sempre sustentado pelos saberes tradicionais. É um ciclo de vidas, é o horizonte que segue, sempre.

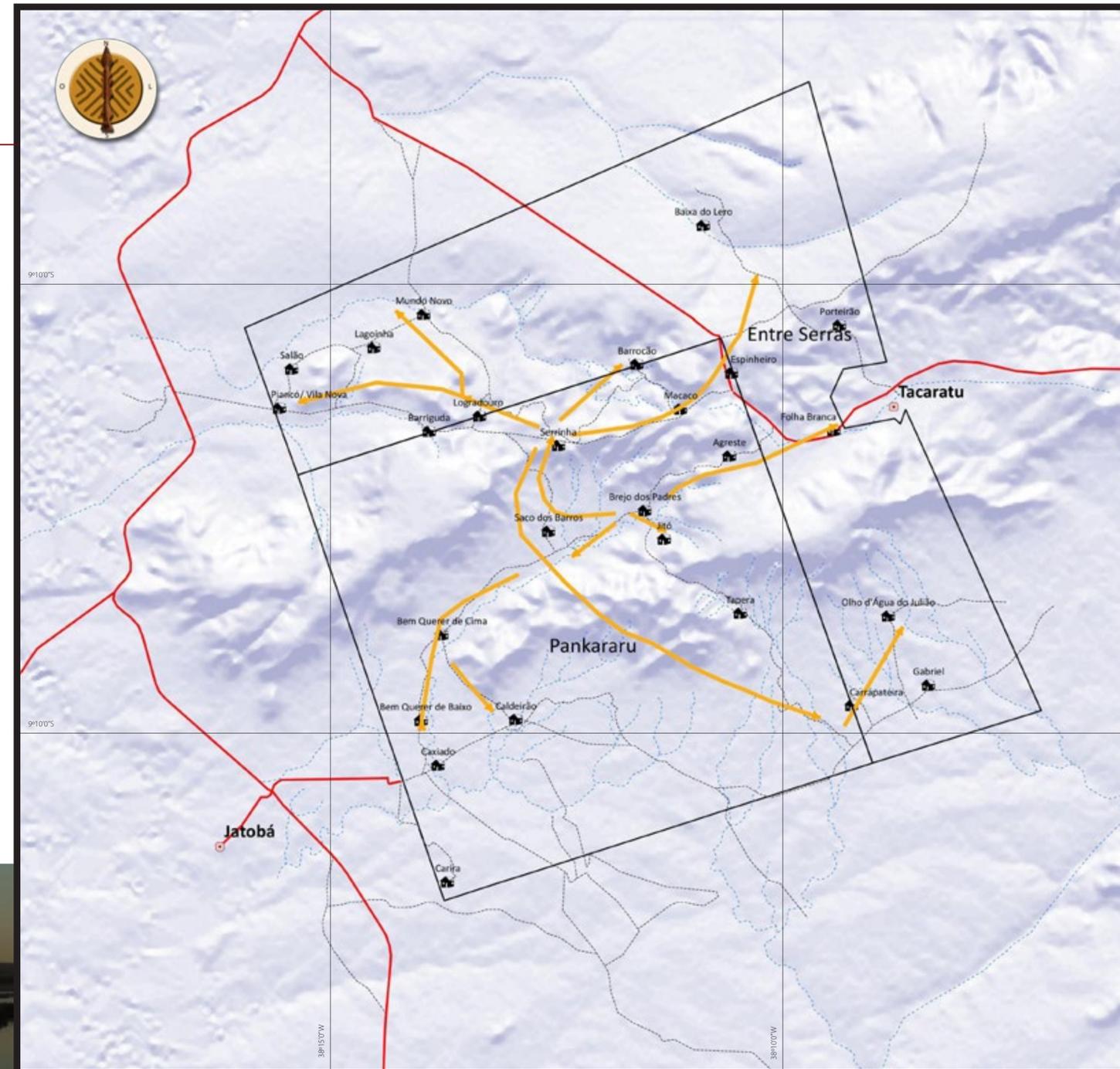
Então, as pontas de rama vão se tornar troncos, vão aprendendo, levando os saberes a seguir, sobre as plantações e suas ciências; as narrativas míticas (histórias do território, das serras, dos caminhos, das matas, das fontes, dos terreiros, dos espaços sagrados, das roças, da fauna, da flora); objetos identitários (de barro, palha, cipó, sementes, madeiras, caroá ou croá); cantos e danças; plantas medicinais; comidas tradicionais; pintura corporal; os rituais. Enfim, é a paisagem natural material e imaterial. A grande árvore vai crescendo, onde cada parte tem sua importância e todos passam por seu ciclo natural: são ramas, sementes, frutos, galhos e tronco.

Mapa 4 - Fluxos de povoamento

Legenda

- Cidade
- Terras Indígenas
- Fluxos povoamento
- Aldeia
- Estrada pavimentada
- Estrada pavimentada
- Hidrografia

0 0.5 1 2 3 4 Km



Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporian re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

Aldeia Lagoinha

A aldeia Lagoinha é formada por 53 famílias indígenas que após o processo de indenizações passaram a ter sua própria organização na saúde, na educação e na comunidade com atuação de caciques e lideranças. A partir de 2006 vieram muitas conquistas na aldeia como a construção do Ponto de Cultura,

que é aberto ao público indígena e não indígena apresentando um pouco mais da cultura indígena Entre Serras. As famílias cultivam principalmente mandioca, feijão e milho. As frutas mais presentes são a manga, o caju e o murici, heranças das terras cultivadas pelos posseiros. Para o período chuvoso há nesse local alguns barreiros que reservam água da chuva e riachos que cortam alguns pontos da comunidade e um poço artesiano que fornece água para os animais e plantações.



Mapa 5 - Destaque: TI Entre Serras Região das aldeias Novo Mundo, Lagoinha e Barriguda

Legenda

-  Aldeia
-  2014 agosto - visita a campo
-  2014 setembro - visita a campo

0 0.1 0.2 0.4 0.6 0.8 Km

Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpriam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem



Aldeia Barriguda

A aldeia Barriguda localiza-se no município de Petrolândia. É uma comunidade pequena, com jovens, adultos e crianças entre índios e não índios que ainda aguardam a indenização da Funai. As pessoas da aldeia tem sua economia baseada na agricultura, na pecuária, na pesca e nos programas do governo. A aldeia é localizada em meio às serras, tendo pontos naturais como o Serrote do Cruzeiro que tem uma caverna, na Serra Grande. Além disso, tem uma cacimba que foi cavada por antigos moradores que tem o nome de Nossa Senhora, porque foi um milagre surgir água naquele local.

Segundo contam os mais velhos o nome Barriguda vem de uma grande árvore que ali existia com tronco largo, bem barrigudo, característica do lugar.

A vida da aldeia é marcada pela participação efetiva nas manifestações culturais de toda etnia. A organização da aldeia, assim com as demais organizações internas do povo tem a participação da comunidade, lideranças e a contribuição dos caciques.

Aldeia Barroirão

A aldeia Barroirão incide sobre os municípios de Tacaratu e Petrolândia e sobre as duas terras indígenas, Entre Serras e Pankararu.

De acordo com os mais velhos, o nome Barroirão surgiu a partir de uma chuva muito forte que deu na aldeia que formou então enormes barrocas originando o nome Barroirão. O clima da aldeia apresenta variações de acordo com as estações do ano. Ela tem grande variedade de espécies vegetais e uma beleza natural caracterizada por baixadas brejeiras e terrenos arenosos nos pés de serra. Dispõe de lugares belíssimos como as furnas que são dotadas de areias coloridas, a nascente conhecida como Fonte de Cima, um caldeirão que é formado por uma enorme pedra, a Serra Vermelha e dois belos cruzeiros.

Além disso, a aldeia Barroirão apresenta uma variedade de lugares naturais; casas de farinha que são utilizadas pela comunidade; igrejas de Santa Clara e de Santo Antônio, administradas pelas senhoras Maria de Alfredo e Socorro de Erasmo; e dois terreiros sagrados, onde os rituais são vivenciados pelos moradores da aldeia e demais comunidades em agradecimento a uma graça alcançada, bem como para o fortalecimento da religiosidade indígena.

Antigamente a quantidade de famílias na aldeia Barroirão era bem menor. Conversando com os moradores mais velhos da aldeia, eles nos relatam as histórias e as transformações ocorridas. Dos mais velhos da aldeia temos hoje o indígena Luiz José Pereira, filho de Rosa Maria do Carmo; a Senhora das Dores; a Senhora Doroteia; a Senhora Domingas e Dona Matilde. Ao conversarmos com essas pessoas, elas nos revelam histórias fantásticas a respeito do lugar.

Com relação à sustentabilidade da comunidade, ela se dá através da agricultura, de empregos terceirizados, dentro e fora da aldeia, e da comercialização da produção de feijão, milho, mandioca, andu e da variedade de frutas que se tem na localidade. O fato das chuvas estarem descontroladas atualmente vem comprometendo as atividades agrícolas, pois o que se planta não se colhe devido à falta de chuvas nos períodos certos.





OS RECURSOS DA TERRA

*Nas aldeias Entre Serras tem vários tipos de clima,
De acordo com a localização de cada aldeia, seja em baixo ou
seja em cima,
O clima predominante é tropical semiárido
E a vegetação é a caatinga
As variações são típicas de “cerrado” e de “agreste”.
O território é composto por Serras imponentes
Vestidas por paredões rochosos e ricos em vegetais de várias
espécies.
(Flaviana, Roberta, Saúde, Ricardo, Luciana, Elisa Urbano)*

As Terras Indígenas Entre Serras e Pankararu localizam-se na região do semiárido nordestino.

Mapa 6 - Entre Serras e Pankararu no contexto regional

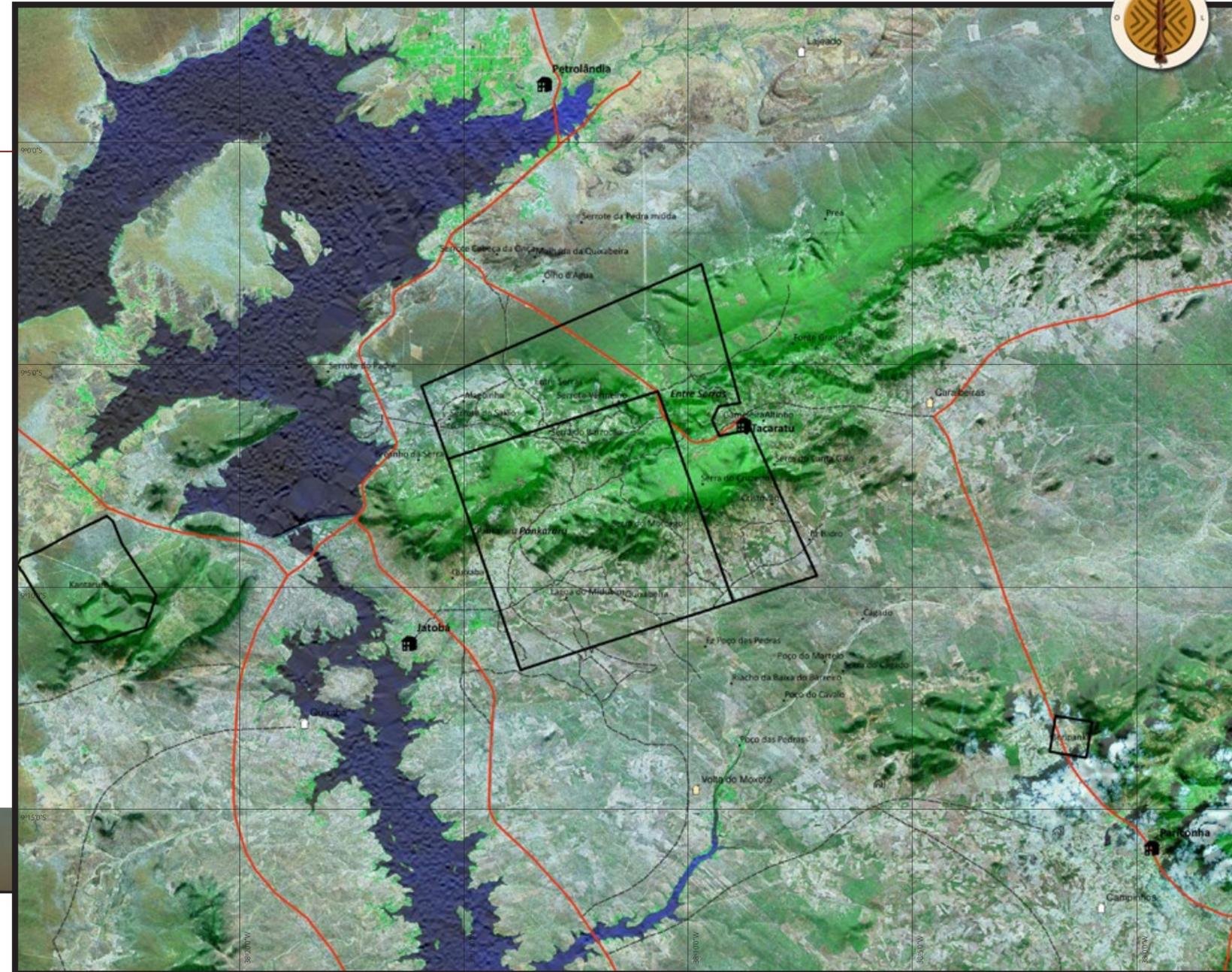
Legenda

- Núcleo
- Outra localidades
- Povoado
- Vila
- Cidade
- Terras indígenas
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada



Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent usesed esciis que eaque di omnimpotiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem



Vegetação e relevo do território

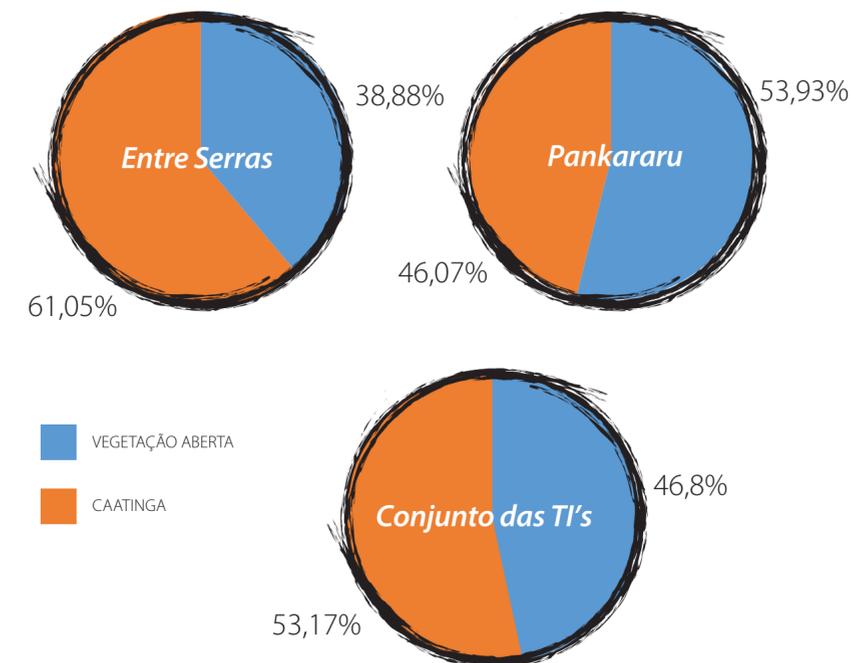
Na Terra Indígena Entre Serras de Pankararu a vegetação predominante é a Caatinga. Conta também com áreas abertas que são utilizadas como roçados ou pastagens, além de campos naturais que ocorrem neste tipo de formação. Olhar para esse elemento do território é fundamental para compreender a forma de ocupação e uso do mesmo, já que é um elemento fundamental em todas esferas do modo de vida Pankararu.

ÁRVORES

*O Pau d'Arco está sumindo
Meu Deus, o que vamos fazer?
Sem a Mãe Natureza,
Não conseguimos viver.
As árvores dão muita sombra
Para nós e os Encantos descansar,
Renovando nossas forças
Para a batalha continuar.*

*Autores: Alunos e professores do ensino
fundamental I da escola Dom João Bosco.
Povo Entre Serras de Pankararu.*

Cobertura vegetal das TI's Entre Serras e Pankararu



Podemos ver que, apesar do grande período de ocupação por posseiros, ainda há uma área significativa, que corresponde a aproximadamente 53% da área das duas terras, que ainda conta com cobertura vegetal natural da Caatinga. Considerando apenas a área de Entre Serras, tem-se um total de 61% (ou 4.735 hectares) de área de mata de caatinga. Por outro lado, na TI Pankararu, que possui ocupação mais antiga e maior incidência de posseiros, as áreas desmatadas somam mais da metade do território.

A cobertura vegetal da área tem relação íntima com o histórico de ocupação e uso da região e também com as condições naturais, como solo, clima e relevo.

O croá, por sua vez, é a matéria prima para a confecção da roupa dos Praiás, feita a partir de sua fibra. O croá é talvez a planta mais importante no universo cultural do povo Pankararu. Intimamente ligada à visão de mundo e espiritualidade desse povo indígena, é amplamente utilizada para a confecção de diversos objetos de uso cotidiano, como os aiós, além de ter papel fundamental em elementos rituais. Dessa forma, todo o processo, desde sua extração à confecção das roupas dos Praiás, é cercado por segredos e normas rituais, conhecidas e praticadas por pessoas com reconhecido papel dentro deste universo ritual pankararu.

Flor do Caróá (Croa)
Foto: Alexandre Santos Pankararu



PRAIÁ

O Praiá faz parte da nossa tradição
Quando ele dança, dá orgulho no coração.
Tá na minha cultura, tá no meu coração.
Festejando no terreiro, formando união.
Honrando minha tradição
Danço com o pé no chão.
Danço minha tradição
Com a mão no coração.
No chiado do maracá
Danço até me acabar.

(Alunos do 9º ano da Escola Logradouro: Alessandra, Cristiene, Mário, Kaylanny e Suellen).

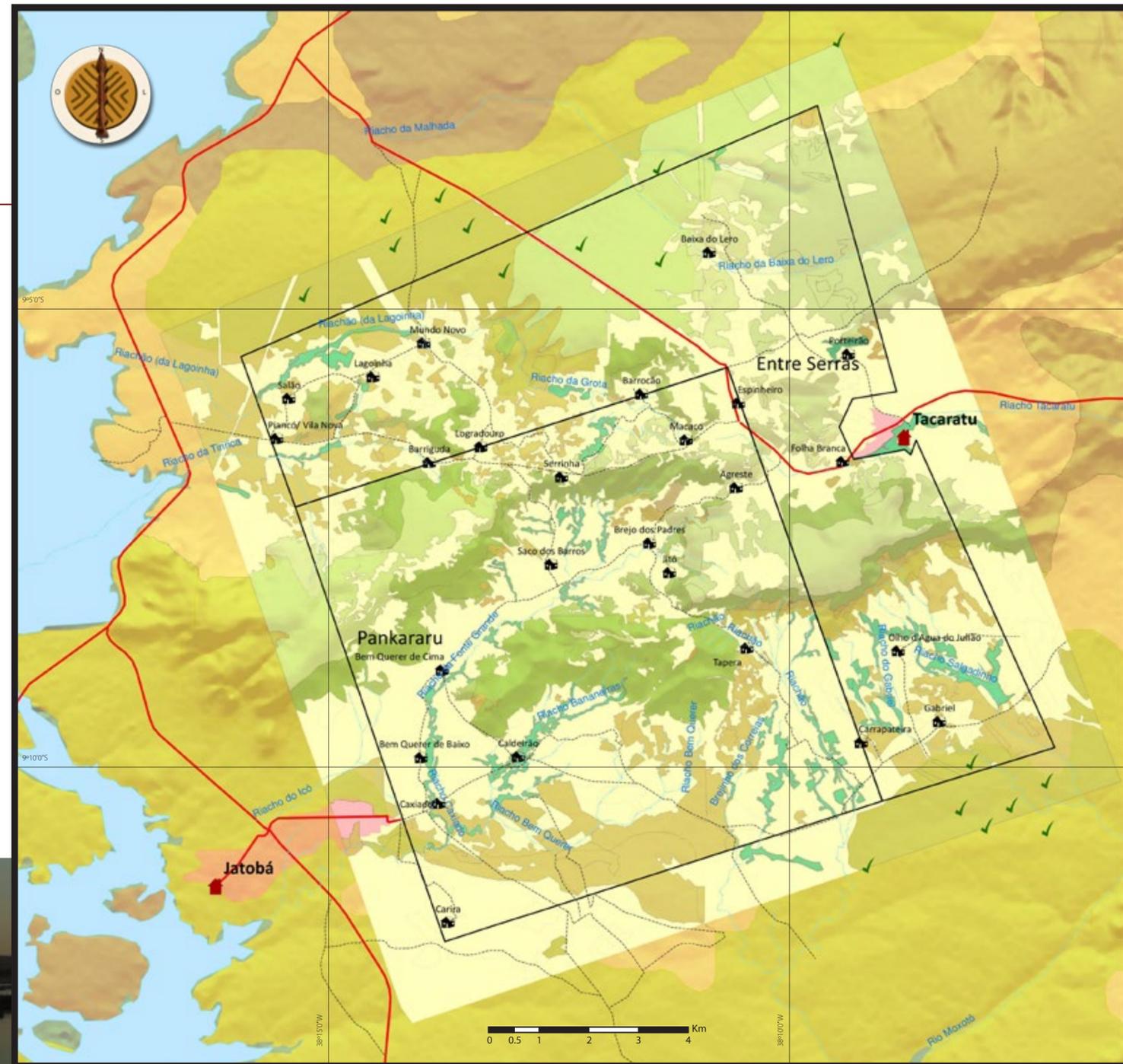
Mapa 8 - Formações de vegetação nas terras indígenas e ocorrência de croá

Legenda

- Croá
- Cidade
- Aldeia
- Riachos temporários
- Terras indígenas
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada
- Represas
- FORMAÇÕES DE CAATINGA**
 - Caatinga
 - Caatinga, ciliar
 - Caatinga, encosta
 - Caatinga, serra
 - Caatinga, rupestre
 - Caatinga, sedimentar
- USO DO SOLO**
 - Roça, pecuária e áreas abertas
 - Área urbana
 - Riachos temporários
- VEGETAÇÃO E USO**
- VEGETAÇÃO REGIONAL**
 - Roças e pecuária
 - Caatinga de altitude
 - Formações pioneiras
 - Área urbana
 - Caatinga
 - Represas, rios e lagos

Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed escilis que eaque di omnimprioriam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem



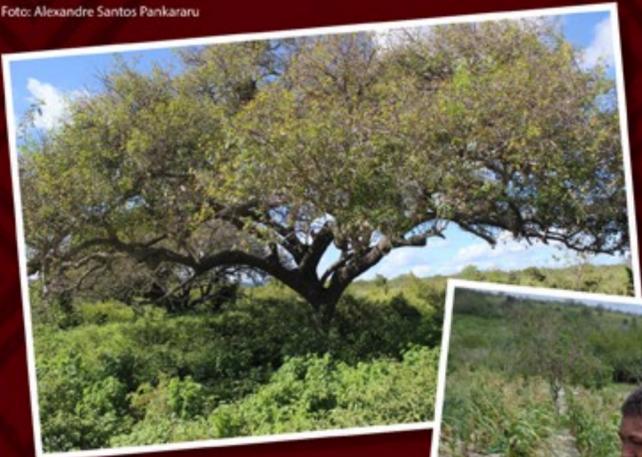
No Mapa Formações de Vegetação nas Terras Indígenas e Ocorrência de Croá, observa-se que as principais áreas de extração da valiosa planta estão situadas no Norte e no Sul da TI Entre Serras, bem como em áreas situadas fora dos limites das Terras demarcadas. Este fato tem gerado preocupação quanto ao manejo desta planta, pois, dada sua importância, a sua fibra é intensamente demandada durante as diversas manifestações que ocorrem ao longo do ano. Considerando a crescente população, o número de terreiros e Praiás nas Terras Indígenas e sua limitada distribuição, vem causando problemas a crescente dificuldade para obter a fibra da valiosa planta, que tem sua ciência.

Como podemos ver no mapa de distribuição, as áreas de maior ocorrência do croá são associadas a determinadas formações de Caatinga, pois, mesmo numa mesma região, sua ocorrência se dá de forma irregular. Essa distribuição, como tudo que é relacionado a essa planta, não se dá de forma unicamente vinculada a causas "naturais", mas também por conta da ciência que tem o Croá. Dessa forma, são necessários cuidados e práticas especiais para a lida com a planta no dia a dia, para que os encanta-dos permitam que ela seja encontrada e possa ser utilizada para os fins desejados.

Os modos de vida do povo Pankararu e a paisagem nas suas duas Terras Indígenas são intimamente relacionados. Desta forma, relevo, solo, clima e tipos de cobertura vegetal do ambiente, dentre outros fatores, influenciam não só a forma como este povo vive e ocupa essa região, mas também estão intimamente ligados à sua sobrevivência, desde o aspecto mais material, ao prover a alimentação, até a parte da espiritualidade, em que a força dos Encantados, tão importante na vida desse povo, reside nos diversos elementos da natureza.

Aspecto importante são as áreas de cultivo e criação de animais, que se espalham principalmente pelas áreas de relevo mais plano do território, com ênfase na região sul de ambas as Terras e na região norte da TI Entre Serras que abrange as aldeias Mundo Novo, Lagoinha, Piancó/Vila Nova e Salão.

Umbuzeiro
Foto: Alexandre Santos Pankararu



Milho
Foto: Avelar Junior



Nasceça
Foto: Lara Erendira Andrade



Rio Moxotó
Foto: Lara Erendira Andrade

Mapa 9 - Mudanças na vegetação 1986-2013

Legenda

- Cidade
- Aldeia
- Riachos temporários
- Terras indígenas
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

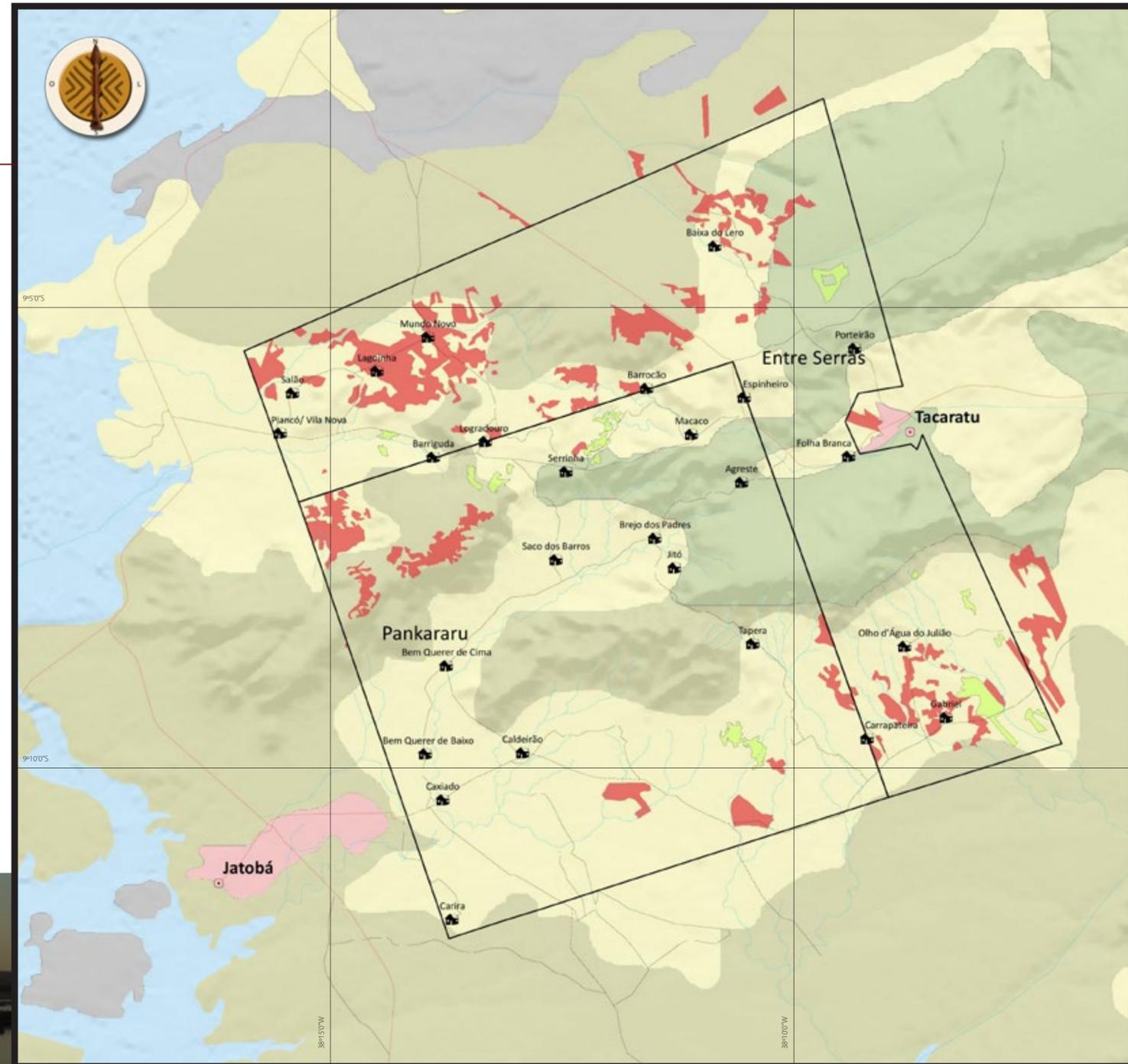
VEGETAÇÃO

- Roças e pecuária
- Caatinga de altitude
- Formações pioneiras
- Área urbana
- Caatinga
- Represas, rios e lagos

1986-2013 MUDANÇAS NA VEGETAÇÃO

- Caatinga > aberta
- Aberta > Caatinga

0 0.5 1 2 3 4 Km



Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

É no alto das serras que são encontrados com mais abundância os diversos animais da fauna local, muitos dos quais apreciados tradicionalmente como alimento e por isso eventualmente caçados. São exemplos dessa rica fauna, jacu, cutia, tamanduá, rolinha, mocó, saguim, gato do mato, nambu. As regiões das encostas e altos das serras concentram as mais extensas áreas de Mata de Caatinga, de forma que também concentram os elementos da fauna.

Alguns animais da fauna silvestre, bem como de criatório, além da alimentação também estão relacionados aos rituais:

Os animais e os rituais



- Peru: suas penas são retiradas para a troca ou renovação dos chapéus.
- Galo: é importante na tradição para a retirada de penas e troca ou renovação dos penachos.
- Carneiro: é um dos animais mais importantes na cultura pankararu, servido junto com o pirão em diversos atos da nossa cultura e religiosidade.
- Boi: sua carne é usada nas festas tradicionais: "corridas do imbu", "menino do rancho" etc.
- Mocó: é parte do ritual da corrida do imbu.
- Abelha: é importante para polinizar as flores do cansanção e do imbuzeiro, plantas de importância ritual.
- Beija-flor: também responsável pela fertilização das flores do cansanção e do imbuzeiro.

Alunos do 2º ano do ensino médio da escola logradouro: Marciano, Miron, Josinete, Dhonatan, Vitor

FAUNA E FLORA

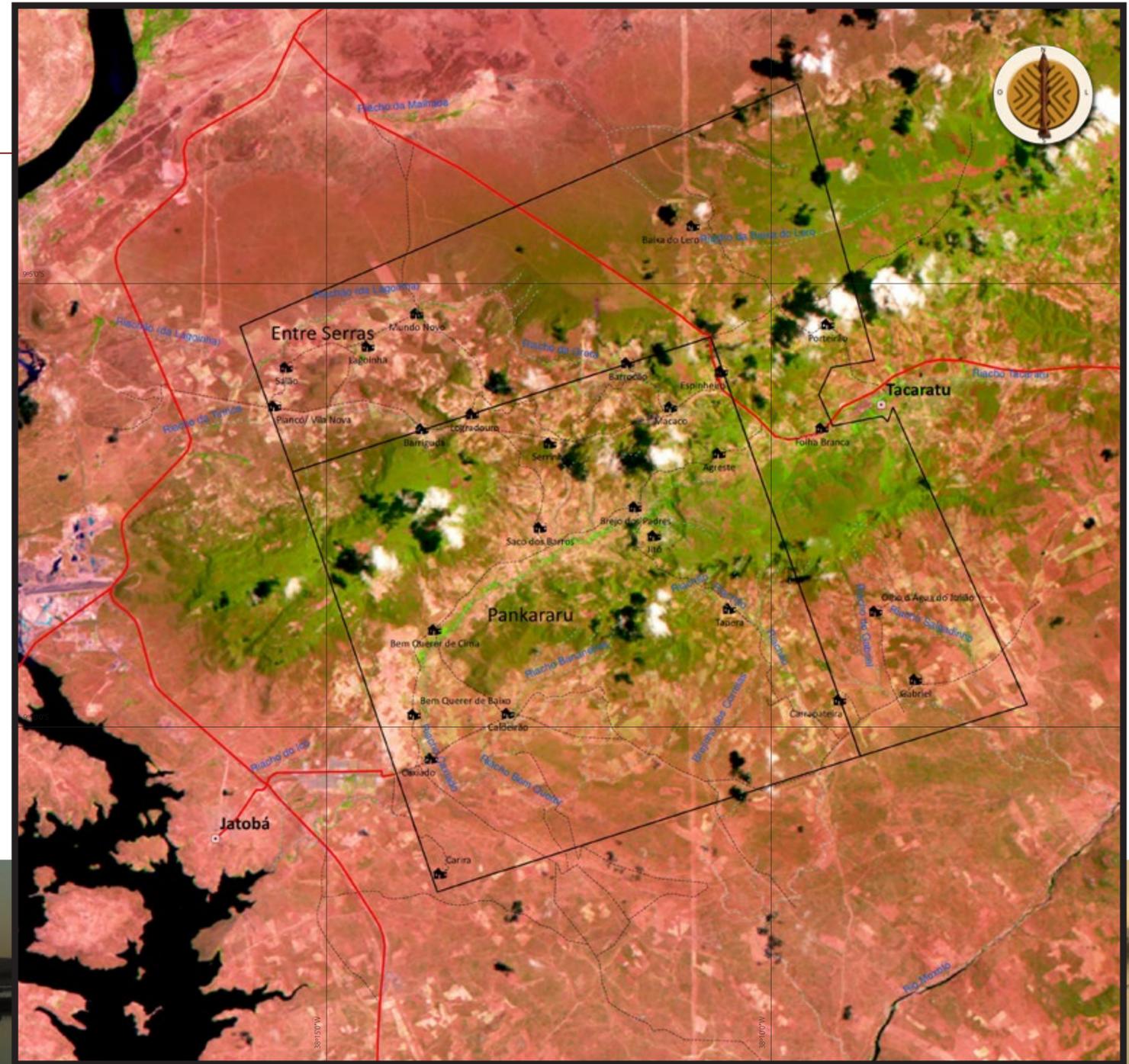
Falando da nossa aldeia tem muito a explicar,
 A flora e a fauna que nunca pode se acabar.
 O nosso povo é muito rico, possui uma flora encantadora,
 Por isso cuidamos uns aos todos para ela ficar mais animadora.
 O homem não pode desmatar tem que aproveitar,
 Esta bela natureza a nos ensinar que para não acabar temos que plantar
 São tantas espécies de uma nação não mate os animais não,
 Para que eles não fiquem extinção e valorize as riquezas que temos nas mãos.
 Por isso tem que ter a preservação
 Da flora e da fauna
 Com muita dedicação
 Para que o povo Entre Serras viva em purificação com amor e emoção.

(Professoras: Marcileide Fernandes da Silva, Quitéria Maria dos Santos, Maria José de Souza Sena, Aline Cristiane da Silva Ferraz)

Mapa 10 - Imagem de satélite setembro 1984 (seca)

Legenda

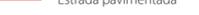
- Cidade
- Aldeia
- Riachos temporários
- Terras indígenas
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

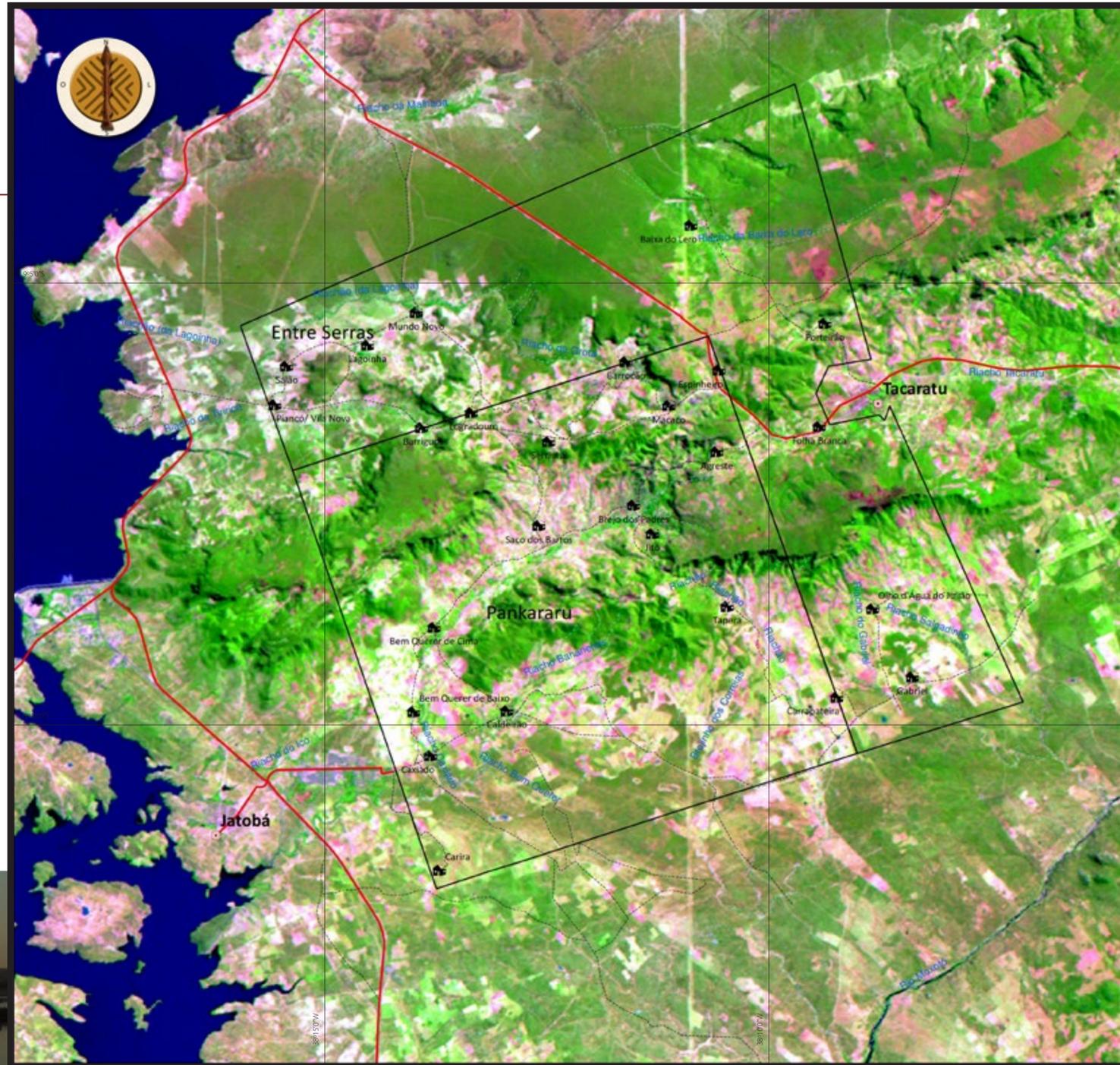


Fontes:
 Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpomiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

**Imagem de satélite
maio 1994
(estação chuvosa)**

Legenda

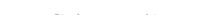
-  Cidade
-  Aldeia
-  Riachos temporários
-  Terras indígenas
-  Estrada pavimentada
-  Estrada não pavimentada



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

**Imagem de satélite
abril 1986
(estação chuvosa)**

Legenda

-  Cidade
-  Aldeia
-  Riachos temporários
-  Terras indígenas
-  Estrada pavimentada
-  Estrada não pavimentada



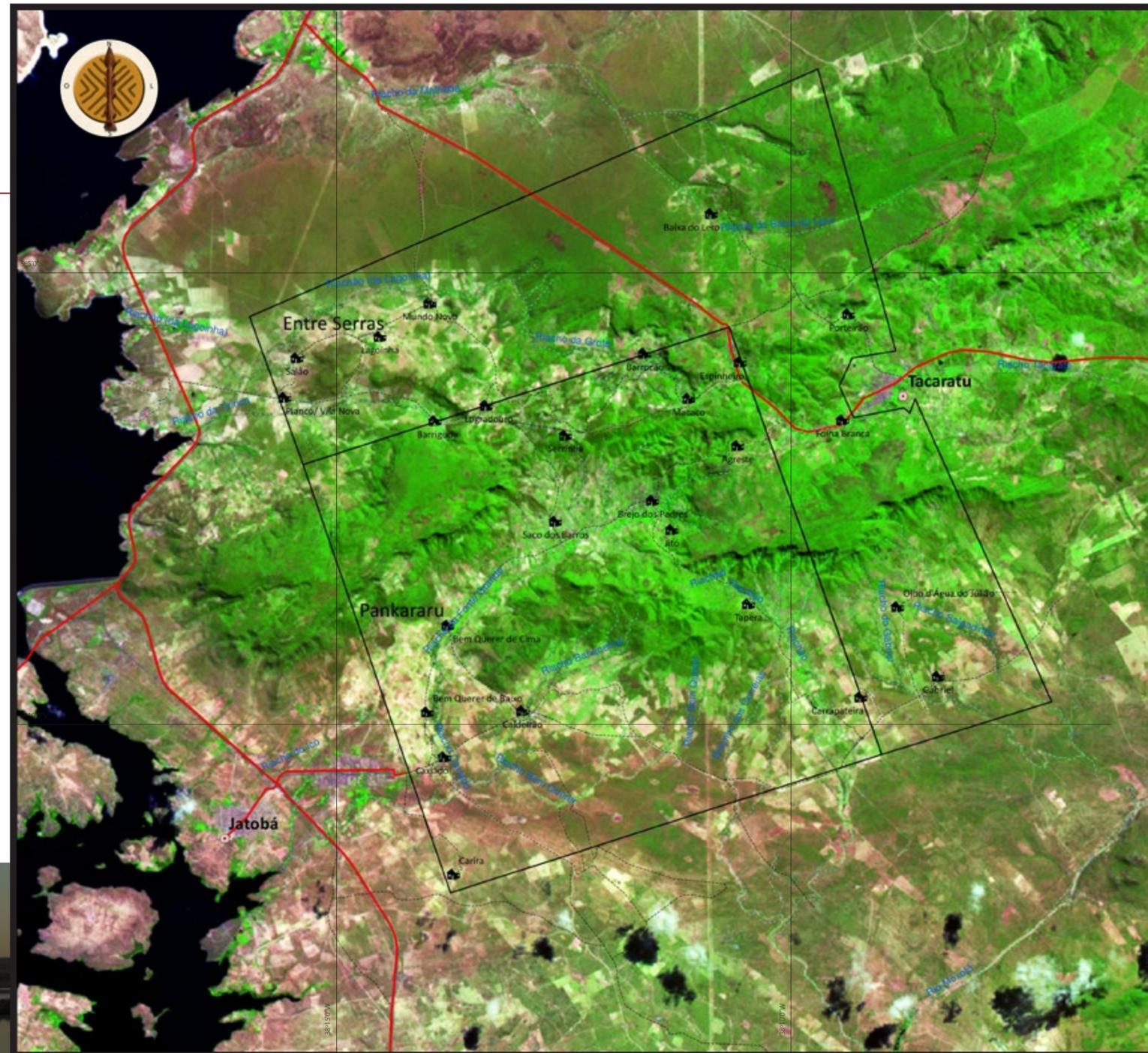
Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

**Imagem de satélite
julho 2013
(estação chuvosa)**

Legenda

-  Cidade
-  Aldeia
-  Riachos temporários
-  Terras indígenas
-  Estrada pavimentada
-  Estrada não pavimentada

0 0.5 1 2 3 4 Km



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid
molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpri-
riam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

As riquezas do solo

(Autoras Professoras: Alba Rafaela, Edilma Cavalcante, Nailza Santos)

Solo

*Sobre o solo vou falar
Nele plantamos os alimentos
Para nossa fome saciar
Aí vem a importância
De esse recurso natural preservar
O solo argiloso
Para nossa cultura é fundamental
Usamos para confeccionar objetos
E na pintura corporal
Porém a ação humana
Provocando a desertificação
Vem trazendo transtorno
Para toda população
Esse bem da natureza
Onde brota tantas belezas
Merece um cuidado especial
Pois para a flora ele é essencial
Cabe a todos a cuidar dessa riqueza
Preservar a natureza
Valorizando sua plantação
Garantindo a alimentação
Cuidando com amor
E não por obrigação*



O solo é um elemento da natureza responsável por abrigar a flora e também por ser o meio de sobrevivência do ser humano e dos animais. Esse elemento natural passa por diversas transformações, que podem ser agravadas pela ação humana; também pela chuva e pelo vento. O desmatamento e as queimadas contribuem para a perda de substâncias do solo, assim, algumas medidas são necessárias para a preservação, tais como a manutenção da cobertura vegetal, reflorestamento e técnicas agrícolas não prejudiciais ao solo.

O solo tem grande importância principalmente para a produção agrícola. Os tipos de solo influenciam na prática da agricultura e no desenvolvimento socioeconômico do povo. Entre os principais alimentos produzidos nas aldeias estão feijão, milho, andu, mandioca e também as frutas da região como manga, pinha, caju, murici, imbu ou umbu. A variedade de frutas da comunidade indígena vem diminuindo constantemente a cada ano, comprometendo a renda de algumas famílias que vivem de negociá-las diretamente nas feiras livres, já que a sustentabilidade e a economia das aldeias se dão pela agricultura.

O solo argiloso é essencial para o fortalecimento da cultura do povo Entre Serras de Pankararú, seja na confecção de objetos ou na pintura corporal. O barro utilizado na pintura do corpo é denominado barro branco, fundamental nos rituais sagrados.

Portanto, é imprescindível saber sobre a importância do solo na vida de todo e qualquer ser vivo e da sua preservação, pois é dele que retiramos grande parte do que consumimos pra sobrevivermos.

A caça

A Caça

*A caça é alimento sagrado
Veado, tatu e tamanduá.
Hoje estão quase extintos
Precisamos preservar
Onde estão o jacu e a nambu?
Procurro e não consigo encontrar,
Procurro aqui e acolá
Onde será que está?*

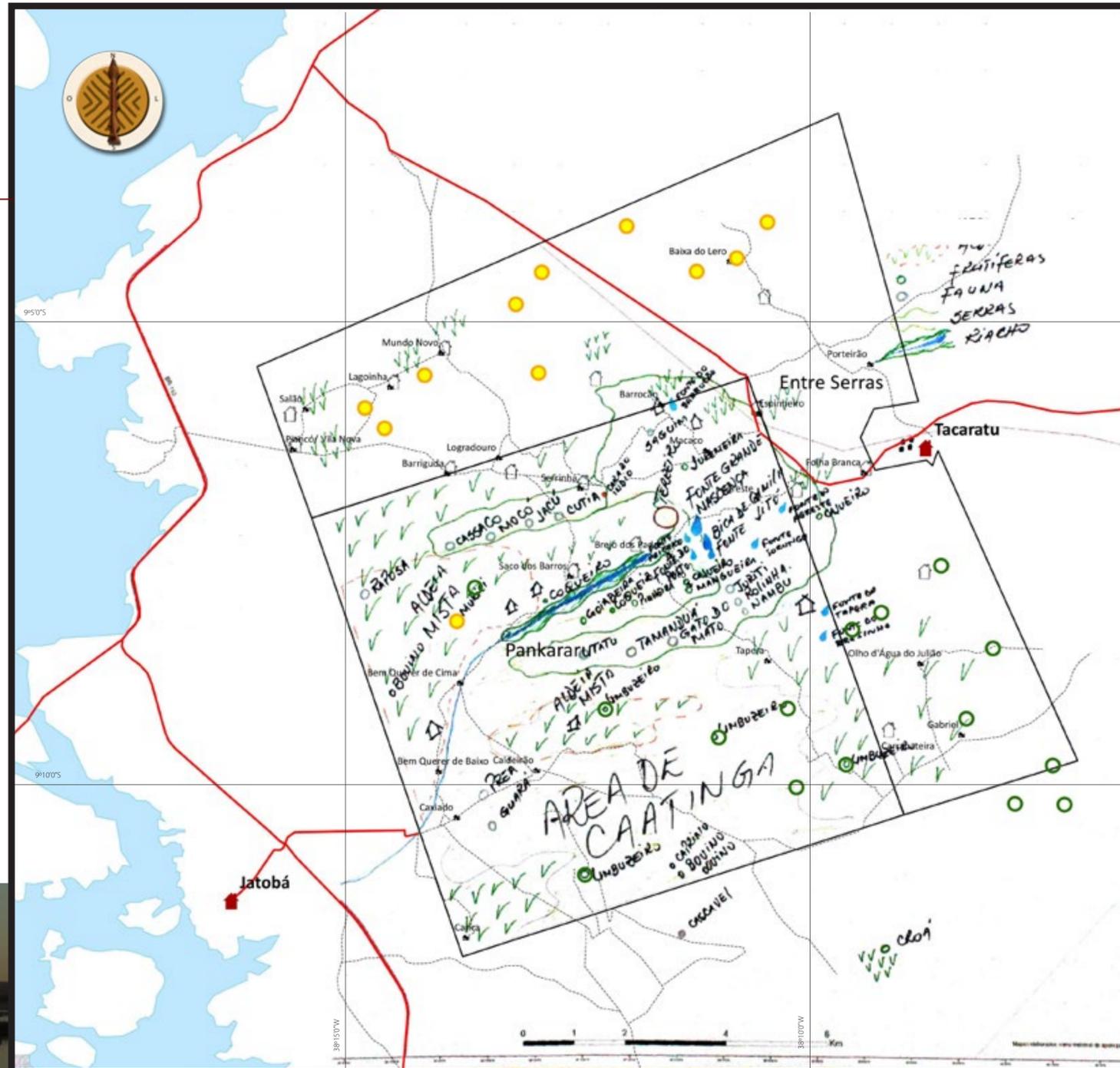
(Alunos do 2º ano do ensino médio da escola Logradouro:
Marciano, Miron, Josinete, Dhonatan, Vitor)

Distribuição do umbu e do murici segundo os habitantes

Legenda

-  Cidade
-  Aldeia
-  Rios e represas
-  Terras indígenas
-  Estrada pavimentada
-  Estrada não pavimentada
-  Murici
-  Umbu

0 0.5 1 2 3 4 Km



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpotiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

As Frutas

As frutas, nativas ou cultivadas, também se constituem em elementos importantes na vida pankararu, estando ligadas ao universo ritual, além se configurarem também como complementos da renda das famílias do local. Dividem-se entre aquelas que são encontradas naturalmente nas áreas de mata, das quais destacam-se o murici e o umbu (imbu), e as cultivadas, que são aquelas encontradas nos quintais, roçados e imediações das aldeias. Destacam-se a manga, o caju e a pinha. Essas últimas, apesar de produzirem satisfatoriamente em anos considerados normais, são mais sensíveis às variações do clima e menos resistentes às secas, cada vez mais frequentes. Estão espalhadas por todo o território, mas tem ênfase na região da Baixa do Lero e nas aldeias do Brejo, Serrinha e região, que possuem grande concentração de mangueiras, principalmente.

As duas frutas nativas de maior relevância entre os Pankararu são o murici e o umbu (imbu). O murici se destaca por seu alto valor de mercado e sua ocorrência se dá em áreas de Caatinga da região. Ocorre em maiores concentrações na região Norte da Terra Indígena Entre Serras, conforme pode ser visto no mapa.

O umbu (imbu) também ocorre por toda a área das Terras Indígenas Entre Serras e Pankararu, mas alcança maiores concentrações na região sul destas terras até a região do rio Moxotó. Essa fruta possui importância marcante no universo pankararu, que tem seu calendário ritual estreitamente ligado ao ciclo deste fruto. O Flechamento do Umbu (imbu), que ocorre anualmente quando o primeiro fruto é avistado, marca o início de uma série de rituais chamados de Corrida do Umbu, importante ritual pankararu.

Águas: fontes e nascentes

As nascentes de Entre Serras

Atenção minha gente
Que agora vou falar
Das nascentes do nosso povo
Que tem histórias a contar
Da aldeia Lagoinha
Eu primeiro vou falar
A nascente que lá existe
Que deu nome ao lugar
Uma nascente muito antiga
Que esquecida está

Vamos acordar, minha gente,
E preservar as riquezas do lugar
Na aldeia Mundo Novo existe uma nascente
Da nascente o povo não consome
Ali todos assumem
Só os animais matam a sede
Dentro da mata verde
Oh, meu Deus, não aguento mais
Nossas fontes secando, fartura nunca mais
Vamos preservar nossas fontes
Para nós e os animais
A fonte do Barroco
Abastece a população
É linda com certeza
Neste lugar existe uma riqueza
A Fonte de Cima se modificou
Por que o homem a transformou
Não podemos esquecer
O pior vou te dizer
Nas outras aldeias existiam as nascentes
Mas ficaram apenas na mente.

A exploração do meio ambiente
É bom ficar consciente
Prejudicou toda a nação
E sem a preservação
Não vemos o verde mais não.
(Antonia Marina, Patrícia, Nailma, Aparecida)

A água na concepção no nosso povo é fonte de vida e dependemos dela para sobrevivermos. No território Entre Serras existia uma quantidade maior de nascentes, porém algumas nascentes desapareceram devido a vários fatores. As nascentes em tempos atrás eram conservadas e apresentavam uma beleza natural que encantava a todos. Hoje, devido à exploração, temos uma quantidade menor; muitas não existem mais e outras tiveram sua água diminuída. Mas, apesar dos danos ocasionados, o povo vem lutando para manter a preservação das nascentes que ainda existem.

Atualmente, temos a nascente da aldeia Barrocão, mais conhecida como “Fonte de Cima”, que abastece toda sua população. Embora esteja dentro do território de Pankararu, a água da nascente abastece também os que moram no território Entre Serras, visto que a aldeia Barrocão faz parte das duas terras. Há tempos atrás, os moradores das aldeias Macaco, Serrinha e Espinheiro saíam de suas localidades para pegar água na Fonte de Cima. Vinham com jumentos equipados de barricas e caçuás em que carregavam os potes. As mulheres carregavam água na cabeça e os homens usavam galões, potes e baldes.

A comunidade Barrocão também fazia da mesma forma, pois não tinham rede de encanação. Essa atividade era feita por homens e mulheres da aldeia, pois não tinham outra forma de levar água até suas casas. As demais aldeias utilizavam água de nascentes que hoje não existem mais e sem as fontes naturais foram construídas cisternas nas comunidades. A partir daí, as comunidades passaram a receber água de carros pipas, fornecidas pelas prefeituras.

Com o passar do tempo, além das nascentes das comunidades de Barrocão e Baixa do Lero, algumas aldeias passaram a ter água encanada, que vem do poço da Baixa, e as demais dependem de carros pipa e poços de água para suprirem suas necessidades.

A nascente Fonte de Cima fica localizada na Serra Vermelha na Aldeia Barrocão, onde, há anos atrás, existia um pé de juazeiro que, na sua raiz, tinha duas pedras e delas a água minava. A água da Fonte de Cima era cristalina e hoje tem sabor salobro. Havia outra fonte perto da nascente que era usada pelas pessoas da aldeia Barrocão e demais aldeias para lavar roupas. Nesse local existiam duas pedras grandes e nelas as pessoas lavavam as roupas. Quem chegava primeiro pegava as pedras e, quando outras pessoas chegavam que as pedras já estavam ocupadas, ficavam esperando que elas fossem desocupadas.



SERRA VERMELHA

*Serra vermelha, tu de lá eu de cá
Tem um riacho no meio
Onde a nascente Fonte de Cima
De lá dá um suspiro, eu de cá suspiro
e meio.
Eu fui à Fonte de Cima, atrás de uma
sabedoria
Ao chegar lá, soube que tinha a mãe
natureza
Trazendo muitas fontes de riquezas.*

(Luzia Ferraz e Jeane Pereira)

Nas últimas décadas, podemos notar que várias modificações foram feitas na Fonte de Cima. A nascente, que antes ficava no tronco de um pé de juazeiro, já não é mais encontrada no mesmo lugar. Foram construídas caixas d'água de onde fizeram encanações para as casas. Apesar da água beneficiar tanta gente, observamos as mutações na nascente e, para que esta riqueza não se perca, precisamos nos conscientizar, preservando este lugar.

O MENINO DO RANCHO

*É festa religiosa
Nela tem o Bate Gancho
Em uma apresentação grandiosa.
O Flechamento do Imbu
E o Puxar do Cipó
Acontece todo ano
Em um terreiro só.
Nas aldeias de Entre Serras
Muita coisa tem
Pirão, garapa e pão
Não falta pra ninguém.
Acontecem as três rodas
No terreiro de Quixadá
Todos juntos participam
Pra dançar e se animar.*

(Estudantes das escolas de Entre Serras)

OS RITUAIS DE ENTRE SERRAS

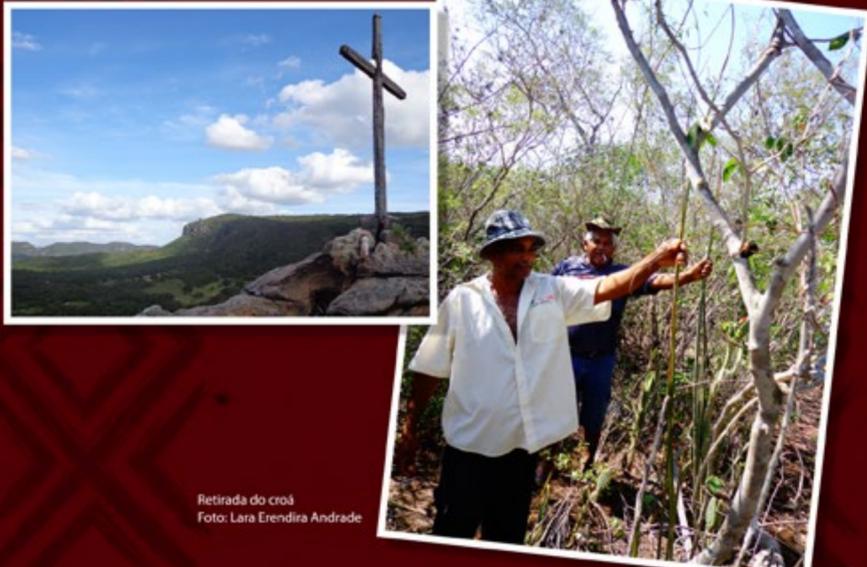
Rituais Sagrados

(Autoria: Flaviana, Roberta, Saúde, Ricardo, Luciana, Elisa Urbano)

Os rituais vivenciados pelos indígenas de Entre Serra Pankararu são baseados e influenciados pela força da mãe natureza. Através dos nossos rituais e da nossa fé são curadas as enfermidades, sejam elas físicas ou espirituais. São rituais vivenciados através de atividades religiosas sagradas, como a Corrida do Imbu, o Menino do Rancho, as Três Rodas e a Dança do Cansação.

Corrida do Imbu

As tradições fortalecem nossa cultura na aldeia onde o principal objetivo é cultivar as tradições dos nossos ancestrais de uma rica sabedoria. As tradições começam pelo Flechamento do Imbu que segundo os mais velhos dizem que é através do flechamento que afasta o mal e as doenças que vem através da reima do imbu.

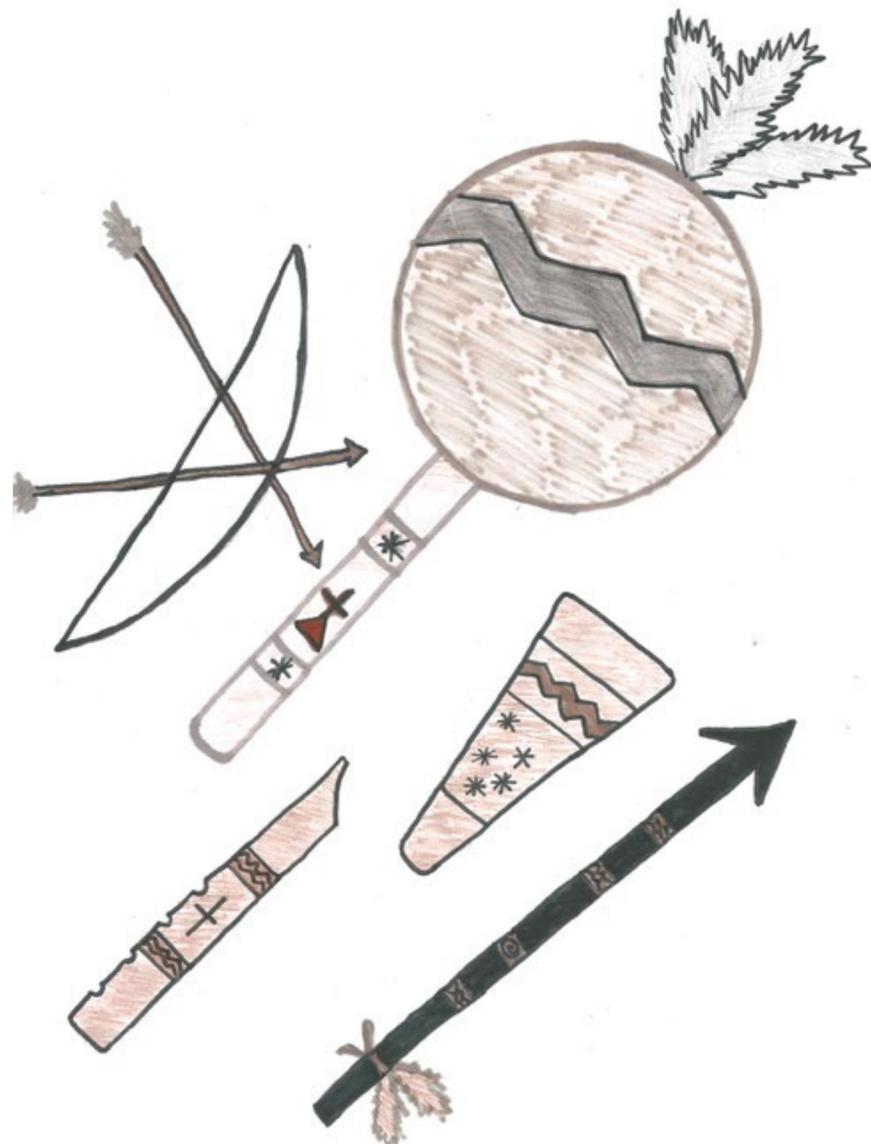


Retirada do croá
Foto: Lara Erendira Andrade



Caroá secando para produzir as vestes dos rituais
Foto: Lara Erendira Andrade

A Corrida do Imbu é iniciada geralmente no mês de dezembro, com o flechamento do imbu, quando do aparecimento do primeiro fruto. **Segundo dizem os mais velhos, é através do flechamento que se afasta o mal e as doenças que vem através da reima do imbu.** A corrida continua entre os meses de fevereiro e março, no terreiro sagrado, durante quatro semanas, com início aos sábados e término nos domingos, após a queima do cansanção.



Nós, Entre Serras Pankararu, temos os espaços sagrados, como os terreiros, onde vivenciamos e fortalecemos a nossa cultura. Nesses espaços acontece também o ritual do Menino do Rancho. Esse ritual acontece quando uma criança adoecer e não é curada pela medicina do branco, com remédios farmacêuticos. É realizado o festejo do Menino do Rancho em forma de reconhecimento aos pais Encantado pela saúde da criança. A família entrega a criança em forma de promessa aos Encantados protetores da aldeia.

Outro ritual vivenciado pelos Entre Serras é o ritual chamado Três Rodas, manifestação religiosa que celebra a alegria por graças alcançadas. Seja por enfermos que alcançaram cura e saúde ou por pessoas que obtiveram alegria em outras vitórias. Nessa atividade são cantados três toantes e todos dançam e cantam juntos em forma de círculo.

O Toré, outro elemento próprio da nossa cultura, pode acontecer em qualquer espaço e época do ano, com toantes que ganham ritmo com o maracá e todos participam. Acontece, por exemplo, nas escolas, reuniões e assembleias; enfim, em eventos coletivos de diversas naturezas.

Hoje os torés são vivenciados nas escolas com o intuito de fortalecer nossa cultura e de passar, para nossos futuros guerreiros, os conhecimentos que os antepassados deixaram para o nosso povo.

As ervas medicinais

(Autoria: Escola Santa Clara)

O território Entre Serras Pankararu é composto por uma diversidade de elementos presentes na natureza, utilizados pelos indígenas como fontes de cura física e espiritual. Os Entre Serras, assim como os demais grupos étnicos, necessitam da natureza para fortalecer sua espiritualidade, bem como para a cura das enfermidades que a medicina atual não conseguir resolver. A relação religiosa dos Entre Serras com a natureza procede desde a antiguidade, através dos conhecimentos transmitidos pelos detentores tradicionais do saber, sendo que, nessa perspectiva, os povos indígenas vêm reafirmando a sua história e cultivando as práticas dos mais velhos de forma respeitosa com o meio ambiente.

Com a evolução dos tempos e a presença do mercado capitalista, o Bem Viver deixado pelos nossos antepassados vem sendo transformado e substituído pela praticidade dos tempos modernos, ocasionando diversas mudanças entorno das populações indígenas, principalmente na medicina tradicional. Assim, presenciamos a automedicação de pessoas que utilizam remédios industrializados, comprometendo sua própria saúde.

Mesmo com a presença da medicina atual, a maioria dos índios procura as formas de tratamento natural para a prevenção das mazelas, pois, em alguns casos, é notório que os problemas enfrentados pelos índios estão interligados com a espiritualidade. Nas comunidades indígenas as ervas medicinais tem sua significação. Os mais velhos buscam, por meio de conversas, transmitir os conhecimentos para os jovens, com intenção de que as práticas do bem viver sejam desenvolvidas pelos mesmos, nas quais os conhecimentos utilizados na medicina do povo possam fortalecer a história dos Entre Serras e ter implicações em sua qualidade de vida.

Considerando a riqueza e diversidade de plantas existentes no território, buscamos fortalecer nossa identidade para que no futuro esses saberes não se percam e façam, assim, parte da nossa história. Desde os nossos antepassados, é conhecida a utilização das ervas na cura e melhoria da saúde dos povos tradicionais. Para nós não é diferente. As plantas tem relação com a tradição cultural, como também possibilitam uma boa qualidade de vida. As pessoas encontram na medicina natural a cura. E, assim, a cura natural de algumas enfermidades é alcançada com a utilização de raízes, sementes e cascas de pau, usadas pelas parteiras tradicionais.

As ervas auxiliam na cicatrização e na prevenção da saúde da mulher. Algumas são cultivadas pelos rezadores, benzedeiras e detentores dos saberes e utilizadas na preparação de diferentes remédios. As plantas tradicionais também estão presentes nos rituais sagrados, como é o caso do cansanção, utilizado na Corrida do Imbu por homens e mulheres. Os saberes tradicionais dos Entre Serras tem relação com a espiritualidade e a ciências. As ervas são utilizadas em situações em que a doença não é somente física, mas também espiritual.

Os saberes desenvolvidos tem relação com a ciência. Por esse motivo, até hoje preservamos tudo que recebemos de herança de nossos antepassados como fonte de cura, utilizadas quando estamos diante de uma situação em que um dos nossos irmãos necessita da cura espiritual e física. Também não podemos esquecer que as doenças, em algumas situações, são espirituais; que são como uma sombra escura. Os conhecedores precisam de sabedoria para usar adequadamente as ervas medicinais no processo de cura da pessoa que necessita.



PRINCIPAIS AMEAÇAS E CONFLITOS AMBIENTAIS

Apesar do avanço que ocorreu a partir de toda a luta e mobilização do povo Pankararu que resultou na demarcação das duas terras indígenas, Entre Serras e Pankararu, ainda existem desafios para que possam viver de forma digna e exercitar de fato o direito constitucional de usufruto exclusivo de seu território. Nesse sentido apresentamos a seguir as diversas ameaças ao bem estar e à garantia desses direitos, mesmo com as áreas já demarcadas. Essas ameaças acontecem dentro do território e também no seu entorno.

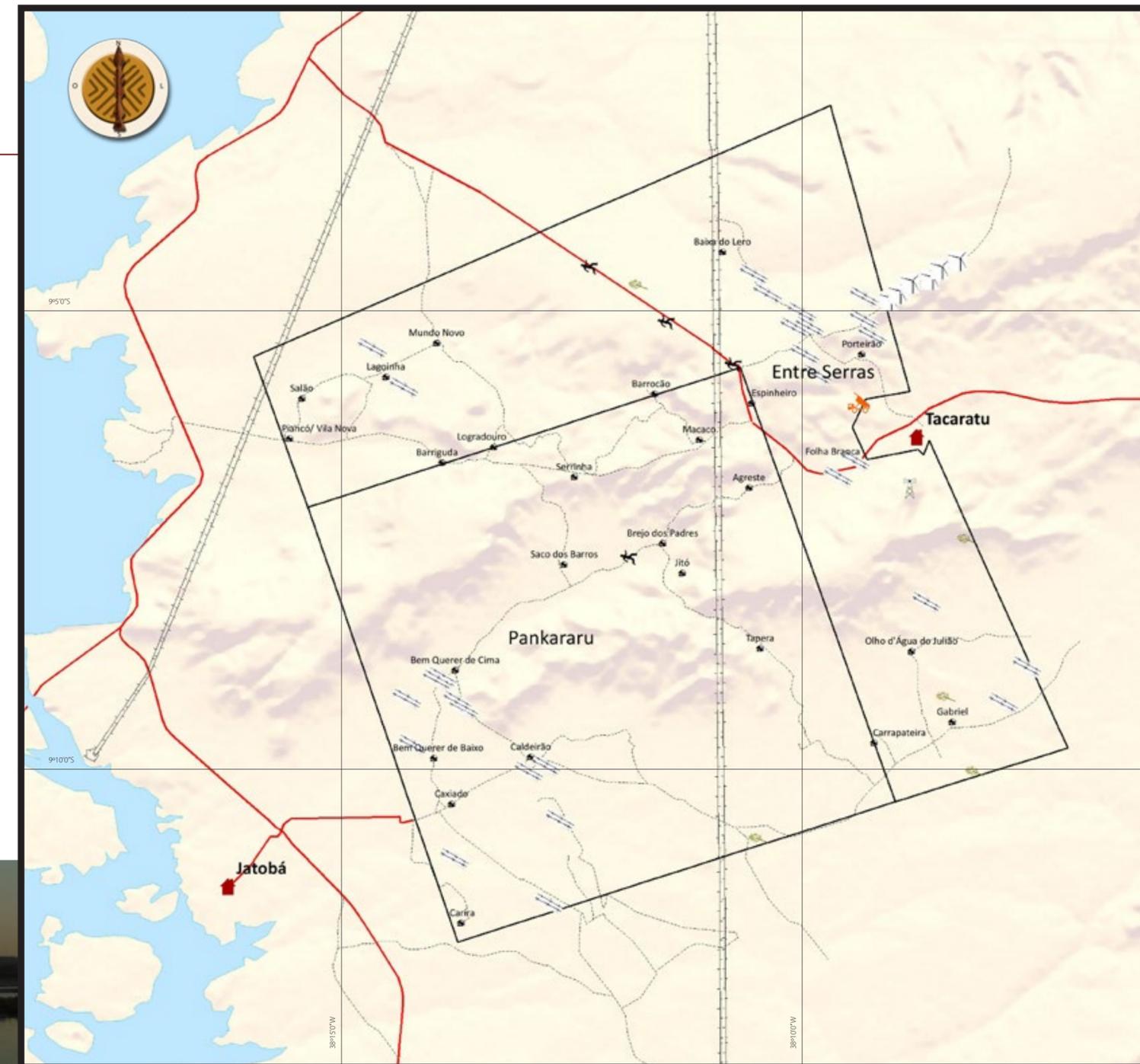


Ameaças e posses não pankararu

Legenda

- Cidade
- AMEAÇA
- Torres Eólicas
- Antena telecomunicações
- Corte ilegal de madeira
- Lixão
- Possesiros
- Risco de acidente rodoviário
- Linha de transmissão
- Aldeia
- Rios e represas
- Terras indígenas
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

0 0.5 1 2 3 4 Km



Fontes:

Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpotiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem



No que diz respeito às ameaças no interior das Terras Indígenas, destacam-se:

Risco de acidentes

Há um conjunto de aldeias situadas às margens da PE-375, entre a entrada da estrada que dá acesso a Baixa do Lero e Porteirão e a cidade de Tacaratu. Devido ao mau estado de conservação dessa rodovia, além do constante tráfego de pessoas e veículos nesta região, esta área está sujeita a riscos de acidentes graves.

Torres eólicas

A instalação de um parque eólico na área imediatamente vizinha ao limite leste da Terra Indígena Entre Serras foi considerada uma ameaça por diversos motivos. Apesar de ser considerada uma fonte de energia “limpa”, essa forma de geração não está livre de causar impactos sociais e ambientais, como o impacto visual de suas torres, o ruído audível e a interferência eletromagnética, além de interferir nos processos migratórios de pássaros e outros exemplares da fauna. Soma-se a isso o fato de a única forma de acesso ao local se dar por uma estrada que foi construída unicamente para esse fim e que passa pelo interior da TI Entre Serras. Essa via permite o acesso de forma descontrolada ao território indígena, facilitando a entrada de pessoas estranhas à área sem a devida anuência de seus habitantes, aumentando assim a vulnerabilidade do já fragilizado território. Adicionalmente, as áreas nas imediações dessas instalações tem o acesso restrito e, considerando que o empreendimento está situado em áreas de mata tradicionalmente importantes para os indígenas, a presença dessas torres acaba impedindo os Pankararu de acessar essas áreas tradicionalmente importantes.

Linhas de transmissão

A construção dos “linhões” foi um dos desdobramentos da Usina Hidrelétrica de Itaparica, para levar a energia gerada aos centros consumidores das grandes cidades. Há dois “linhões” que atravessam o território indígena e o maior deles corta as TIs Entre Serras e Pankararu no sentido norte-sul. Esses “linhões”, além de também ocasionarem riscos por causa da emissão de radiação eletromagnética e de acidentes, também provocam restrição de uso das áreas próximas, não sendo permitidas a realização de atividades agrícolas em suas proximidades. Atualmente, já ocorre a instalação de uma terceira linha de transmissão da mesma natureza, mas passa paralela ao limite da TI Entre Serras. Nesse caso, o principal problema diz respeito à transparência na aplicação das medidas de compensação em função dos impactos nas Terras. Outra questão é que, apesar do “linhão” passar fora da Terra demarcada, ele está no perímetro do os Pankararu entendem que seja seu território tradicional, mesmo a área não tendo sido ainda demarcada.

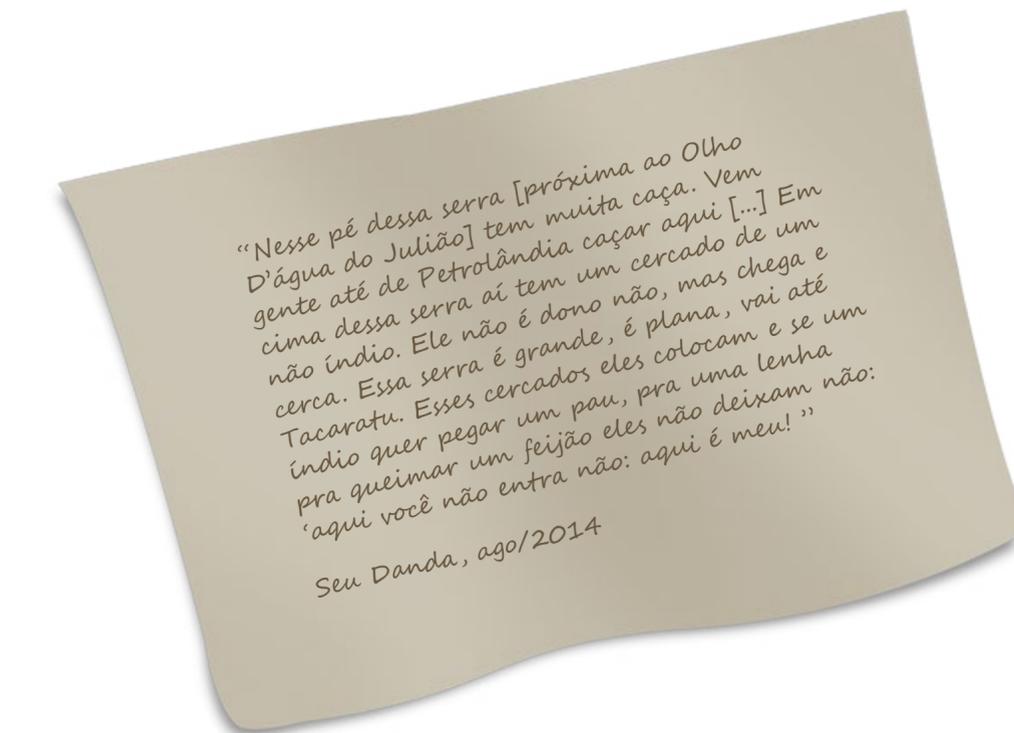
Torre de Celular

Outro empreendimento sobre o qual há controvérsia a respeito de seus efeitos na área é a instalação de uma torre de telefonia móvel na localidade denominada Serra do Cruzeiro, próximo à aldeia Folha Branca. A principal queixa se dá por não ter havido consulta às comunidades para sua instalação, num claro desrespeito à legislação vigente e às lideranças locais.



Posseiros

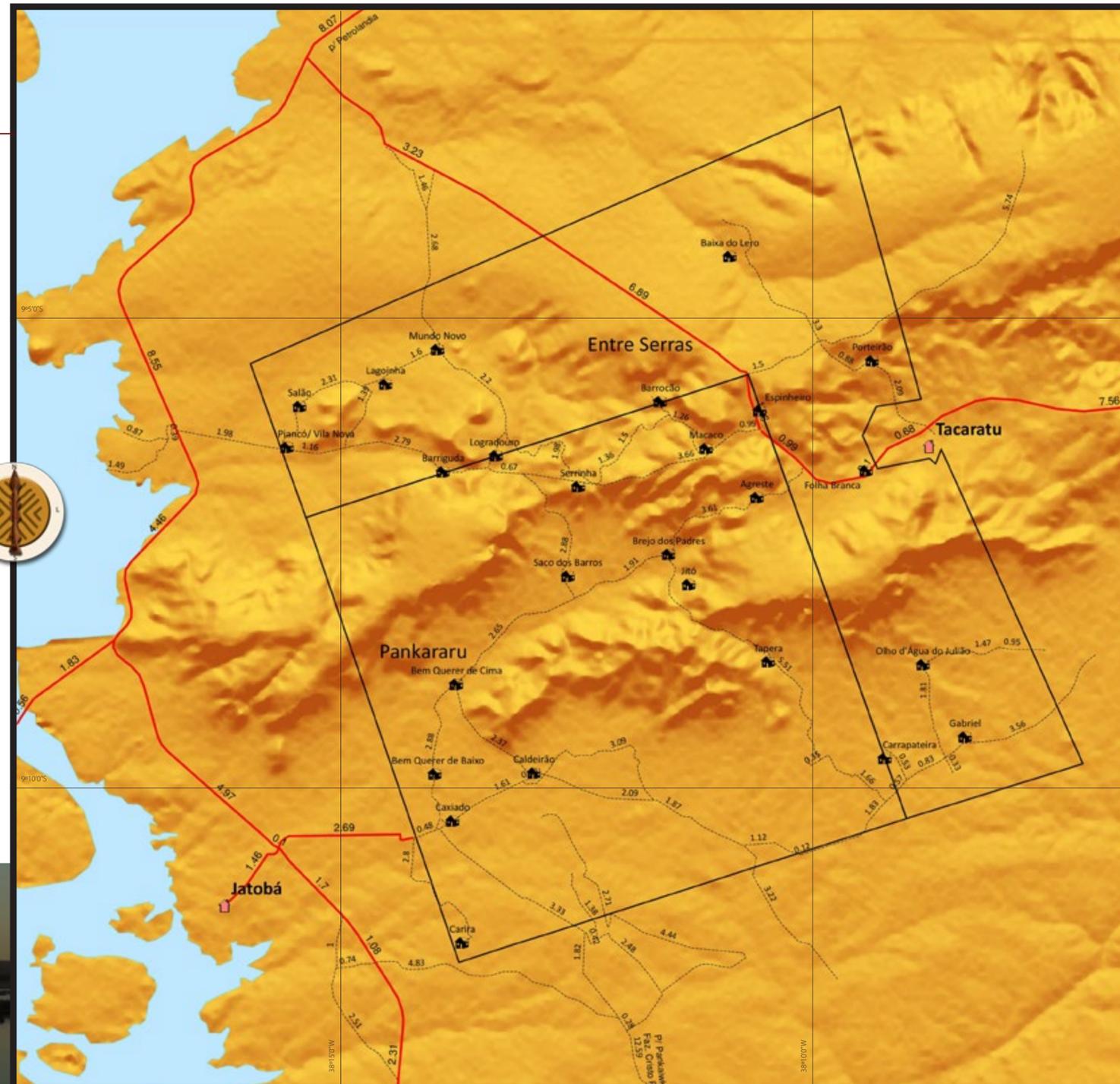
Apesar da Terra Indígena Entre Serras ter seu processo de regularização concluído em 2006, persiste até hoje a presença de posseiros em seu interior, bem como na Terra Indígena Pankararu. Esse fato acarreta graves prejuízos aos indígenas, pois, apesar de terem seu território garantido por lei, a presença desses intrusos impede a total reocupação indígena de sua área, gerando um clima de insegurança e conflito permanente. O processo de indenização e desintrusão desses posseiros, iniciado há muitos anos, jamais foi concluído e se arrasta até os dias de hoje. Disso resulta que muitas das áreas propícias para a agricultura ainda estão nas mãos dos intrusos. As áreas ainda ocupadas por posseiros encontram-se justamente nas regiões mais planas do território indígena, que correspondem às áreas mais férteis. Isso leva a crescente população indígena a ficar “espremida” nas encostas das serras. Considerando que a agricultura é a principal atividade da área, limitar a prática da mesma pelos indígenas compromete sua sobrevivência no local, obrigando muitos a buscar empregos em locais externos ou realizar atividades extrativistas, exercendo assim uma pressão maior sobre os recursos naturais do território. A ocupação por intrusos também ocasiona uma maior pressão sobre os recursos naturais do território. Apesar da presença de posseiros ocorrer em praticamente toda a extensão das áreas indígenas, a concentração maior de invasores se dá nas áreas próximas aos perímetros urbanos de Tacaratu e Jatobá, que, assim, também exercem pressão populacional sobre a área.



Rodoviário - distâncias

Legenda

- Cidade
- Terras Indígenas
- Aldeia
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimpotiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

Lixão

Outra ameaça ao bem estar no interior da Terra Indígena Entre Serras é a presença de um lixão a céu aberto, instalado pela prefeitura do município de Tacaratu e situado no interior da terra indígena, em área imediatamente contígua à área urbana. Nesse lixão são depositados todos os resíduos sólidos oriundos da cidade de Tacaratu. Além de estar em desacordo com as normas sanitárias vigentes, isso acarreta riscos para a saúde da população indígena e contamina o ambiente por componentes tóxicos de pilhas e baterias, lâmpadas, eletrônicos descartados e outros materiais. Além da presença desse lixão, que leva resíduos de fora para o interior da Terra Indígena, destaque-se que, na TI Entre Serras, a população vem sendo duplamente prejudicada, por não ter acesso à coleta do lixo regular em suas aldeias e por receber de forma irregular despejo de resíduos oriundos da zona urbana do município.

Croá

As práticas predatórias de extração do croá, associadas à demanda crescente e ao estoque reduzido da planta na região ameaçam a sustentabilidade desse recurso. É sabido que a fibra do caroá para uso nos Praiás deve ter tamanho mínimo de metro e meio de comprimento, de forma que a extração de plantas com tamanho menor deve ser evitada, para permitir sua reprodução adequada. Com a redução das populações e consequente escasseamento dos exemplares maiores, vem ocorrendo a extração dos de menor tamanho. Além disso, há uma forma correta de retirada das folhas, de forma a não matar a planta, preservando seu “olho”, isso é, seu broto central, de onde surgem as folhas novas. Ao arrancar a planta completa, matando-a, também se contribui para a redução dessa população. Pensar em formas de enfrentar esses desafios relacionados ao caroá passa pela reflexão sobre as melhores estratégias de como usar, e como recuperar, as populações naturais dessa planta nas áreas de Caatinga no interior das Terras Indígenas e seu entorno.

Nesse sentido, alguns Pankararu já estão experimentando reproduzir a planta em viveiros de mudas e outros preferem delimitar áreas de conservação de mata nativa dentro das Terras Indígenas, onde o caroá cresce. Certamente esse é um tema que demanda análise e discussão entre atores chave do povo Pankararu, conhecedores da ciência do caroá, coletores de caroá, aqueles que confeccionam as roupas, os que as usam nos rituais, lideranças e tomadores de decisão para se chegar a um acordo sobre o manejo do caroá de maneira a não exaurir a mata desse recurso.

Ameaças externas

Além das ameaças dentro do território, existem obras e empreendimentos públicos e privados que, embora estejam situados fora da área demarcada, interferem diretamente na vida dos Pankararu e de outros povos indígenas da região. Isso por estarem em áreas que são reivindicadas como territórios tradicionais ou mesmo por possuírem efeitos de abrangência tais que influenciam diretamente em suas vidas.

Esses elementos estão representados no mapa de ameaças ambientais de escala regional e são destacados a seguir.

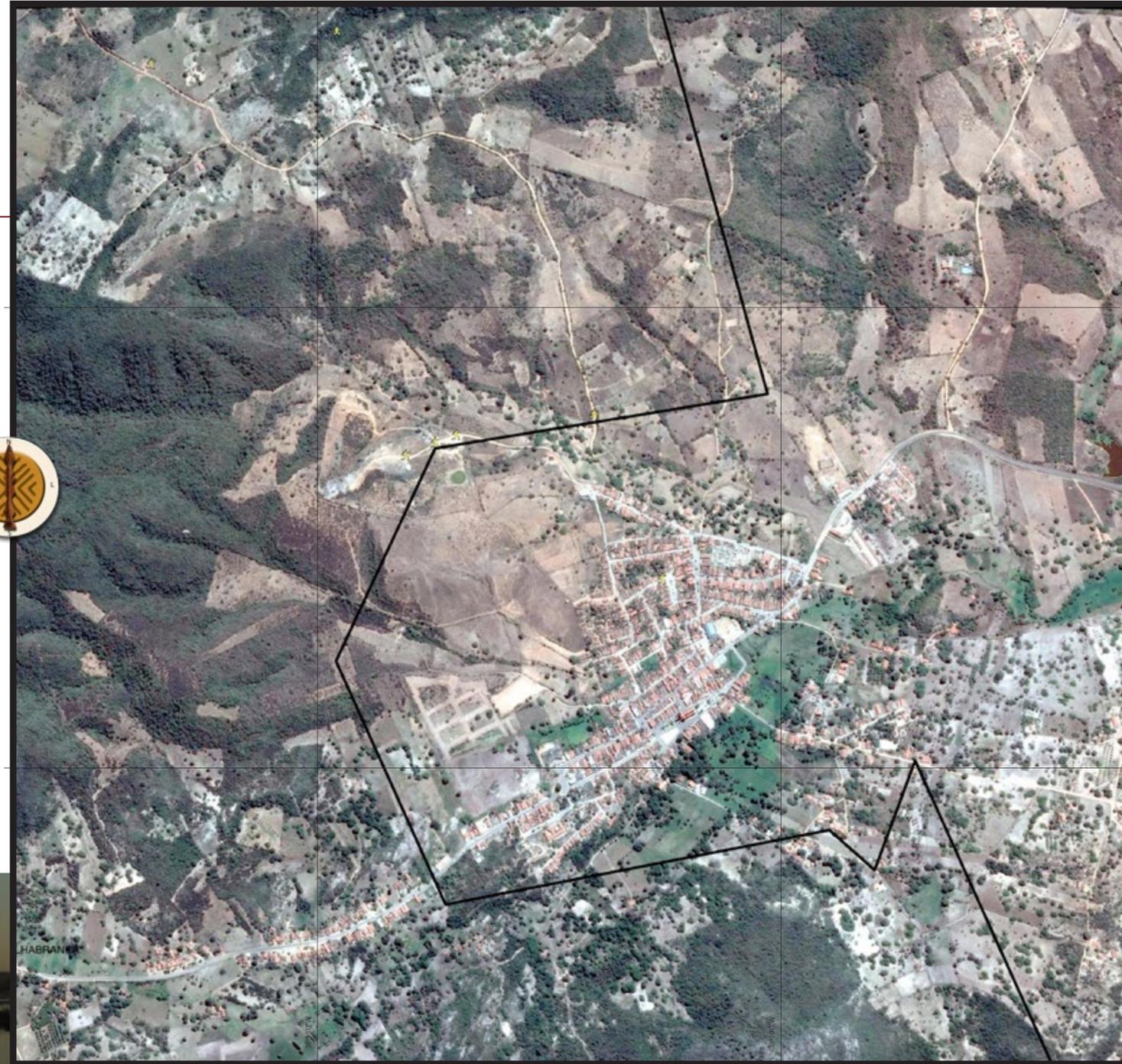
Projetos agrícolas irrigados

A região do médio São Francisco tem boa parte de suas margens ocupadas por projetos agrícolas irrigados, alguns dos quais apresentados no mapa, na região a noroeste da Terra Indígena Entre Serras, subindo o rio São Francisco. Esses projetos se constituem num dos principais polos produtores e exportadores de frutas do país. Todavia, essas plantações são compostas principalmente por espécies não nativas -como uva, manga e melão- no modelo da monocultura baseado na irrigação e aplicação de fertilizantes e agrotóxicos em larga escala. Esse modelo, além das implicações sociais e econômicas de exclusão, oferece riscos não só aos trabalhadores que atuam nas fazendas, como também a todos os moradores da região e consumidores desses frutos. Isso porque os agrotóxicos utilizados nessas plantações frequentemente se espalham e contaminam o solo e os corpos d'água, não ficando a contaminação restrita somente à área de aplicação, mas estendendo os riscos a toda a região vizinha. Nesse sentido, essas áreas foram indicadas nos mapas como focos de riscos à saúde, não só da população pankararu das TI Entre Serras e Pankararu, mas a toda a população dos municípios da região.

Destaque: TI Entre Serras, proximidades da área urbana de Tacaratu: lixão e outras pressões

Legenda

 Pontos de GPS agosto 2014



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem

Ameaças ambientais de escala regional às terras indígenas

Legenda

- AMEAÇA
-  Usina hidrelétrica
 -  Cercas (privatização)
 -  Lixão
 -  Usina nuclear
 -  Pressão urbana
 -  Despejo de agrotóxicos/ agricultura irrigada
 -  Terras indígenas
 -  hd_curso_d'água
 -  Estrada pavimentada
 -  Estrada não pavimentada
 -  Bahia
 -  Alagoas
 -  Pernambuco



Fontes:
Eruptatendi as que nis eles et que consequiscid molorro ent utesed esciis que eaque di omnimporiam re ne neturit, tet maximi, arum aut quatem



Usina Nuclear

Em 2011 foi divulgado amplamente pela imprensa nacional e regional o plano do governo federal para a construção de uma nova usina nuclear no país, na região do rio São Francisco. Na ocasião, uma das localidades indicadas pelo governo como preferencial para instalação da obra foi o município pernambucano de Itacuruba, que fica a cerca de 50 quilômetros da Terra Indígena Entre Serras. Há um grande número de Terras Indígenas situadas ao longo desse trecho da bacia do rio São Francisco e os potenciais impactos desse empreendimento vem sendo pauta permanente do movimento indígena regional, especialmente no que diz respeito aos riscos de acidentes nucleares e ao problema do lixo tóxico, além da desestabilização de comunidades indígenas e quilombolas, que já enfrentam problemas na regularização de seus territórios. Dessa maneira, o local indicado no mapa refere-se ao provável município de instalação da usina, caso se confirme sua construção na região, para alertar sobre os riscos que a proximidade de um empreendimento dessa magnitude pode trazer.

A história dos indígenas em Pernambuco e no Nordeste é marcada, num passado não tão distante, pela construção de barragens e atualmente não só barragens, mas também as obras da transposição do rio São Francisco, e elas têm um impacto triste. Os impactos que as construções de barragens deixam para os povos indígenas são um rastro de destruição. Não é apenas a destruição do meio ambiente, ela vai além do espaço onde vivem as pessoas, onde vivem as árvores, onde vivem os animais. Então, eu destaquei alguns aspectos de impacto. O primeiro é um impacto ambiental, que é a destruição da vegetação, a destruição dos animais. A construção de barragens, e aí eu não estou falando apenas do meu povo – que o impacto foi a alguns quilômetros do nosso território, cerca de 8 km, 6 km –, mas eu estou falando também daquelas populações em que o impacto foi direto e que o território indígena foi mudado, e que o espaço sagrado, que é a velha aldeia, foi simplesmente engolido pelas águas. [...] Tem outro prejuízo maior do que todos os que eu citei agora, que é a destruição. dos espaços sagrados, a destruição do meio ambiente como o meio em que vivemos. Não é o meio ambiente que traduz as árvores, os rios, as águas. Não é um meio ambiente romântico que falam quando se trata de ecologia. Eu estou falando da vida, do meio, das casas, das pessoas, um meio ambiente em um contexto bem maior. Quando a gente cita tudo isso não pode deixar de fora a questão da territorialidade, e o território indígena não é apenas terra para plantar e para colher, mas é terra para viver, para viver a cultura, para viver as crenças, para viver os costumes, para viver a tradição, a educação que os mais velhos nos deixam. É um território para dar continuidade à cultura.

(Elisa Urbano, 2012, p.20-21) Retirado do Livro Guerreira – a força da mulher indígena.

A Barragem de Itaparica

"O rio agora tem dono. Antes não tinha. Os bichos desciam e iam tudo beber na beira do rio, era por conta. Hoje o rio encheu e todo mundo tomou de conta. Todo mundo tem seu plantio na beira do rio e não deixa mais a pessoa andar a pé na beira do rio [...] Até o beco que era a estrada velha de Petrolândia eles cercaram, que era onde podia fazer um porto pra encostar as canoas da gente. Eu não acho isso certo, não, é errado[...] A beira do rio agora tá cheia de casa. Cada vez agora vai complicar mais a vida do pescador, o cabra não pode nem mais encostar na beirada que mandam tirar. Como é que o cabra vai pescar, sem encostar pra cuidar de comer?"

(Cidi Batalha, trecho do filme "O Rio tem Dono").

Ao modificar a dinâmica do rio São Francisco, que é um elemento fundamental na vida de toda população da região, a construção e instalação da Usina Hidrelétrica (UHE) de Itaparica trouxe grandes impactos que, de forma direta ou indireta, afetaram a vida de toda a população regional, em especial a dos povos indígenas. Dentre esses impactos destaca-se a transformação do ambiente aquático, de um rio de águas correntes para um grande reservatório de águas paradas, o que levou à mudança e ao empobrecimento das espécies de peixes encontrados na área, com consequente impacto na pesca, forçando a mudança de estratégias e do regime dessa atividade. Houve também a inundação de sítios históricos e sagrados; além da posterior apropriação privada ilegal das margens do rio, impedindo o acesso antes realizado de forma livre pelos moradores locais.

"Nós, índios da etnia Pankararu, vivíamos nas margens do rio São Francisco, caçávamos, pescávamos e praticávamos nossos rituais sagrados. A Cachoeira de Itaparica (Petrolândia) era o lugar principal onde nossos anciões cultuavam nossas tradições e costumes. Hoje, com a construção da barragem de Itaparica, essa cachoeira desapareceu e ficamos fragilizados em nossa cultura. Os não índios invadiram as margens do São Francisco e hoje somos proibidos de ter nosso livre acesso à pesca, ao fortalecimento da nossa cultura e a sustentabilidade de nossa alimentação. O que mais queremos é poder ter as nossas terras das margens do rio São Francisco de volta para nós, os índios."

(Texto produzido durante a oficina de mapeamento na Terra Indígena Entre Serras, 16 de agosto)



Urbanização

Com a construção da barragem de Itaparica houve um grande afluxo de pessoas para região, resultando no surgimento de núcleos urbanos inteiramente novos: - Jatobá e Itaparica-, e no crescimento exponencial de outros , como a cidade de Petrolândia. Esses núcleos, por sua localização vizinha às Terras Indígenas Entre Serras e Pankararu, também trouxeram consigo impactos da pressão dessa urbanização rápida para essas áreas indígenas. Com isso, aumentaram não só os problemas tipicamente urbanos- como violência, drogas e prostituição-, como também causaram o aumento da pressão pelos recursos naturais e áreas cultiváveis no interior das Terras Indígenas.

“Privatização” das margens

“Na idade de oito anos eu já ia para o rio pescar com meu pai. Meus irmãos, todos pescam. Os mais novos, já fomos nós que ensinamos. Antes da barragem era muito bom, porque o peixe era mais fácil de pegar. A pessoa pescava de tarrafa, não era de anzol. Hoje é mais sofrido, o peixe se escondeu mais [...] desapareceu tudo. A curumatã desapareceu mais. Quando era na água correnteza, que a gente pescava aí na cachoeira, pegava todo esse peixe na tarrafa. Piau desapareceu [...] Tudo a gente pegava na tarrafa, até a tarrafa a gente tá esquecendo [...] O rio encheu demais, ficou muito cheio e o peixe desapareceu. [...]A gente só pega mais o peixe quando a água tá melada. Quando a água tá melada a gente pega o tucunaré, a cruvinha também”

(Cidi Batalha, trecho do filme “O Rio tem Dono”)

Impulsionada pelo crescimento populacional a partir da construção da barragem de Itaparica, ocorreu também uma crescente ocupação irregular das áreas às margens do reservatório da hidrelétrica. Essa ocupação concentram-se no lado oeste da TI Entre Serras, na região entre a BR 110 e a margem do reservatório. O número crescente de “propriedades” cercadas vem ocasionando conflitos, já que restringe o acesso dos indígenas ao rio, para realizarem a tradicional atividade pesqueira, em territórios tradicionalmente , e legalmente de seu uso comum. Considerando o fato de a própria barragem ter sido erguida em áreas tradicional Pankararu, alagando marcos históricos e sítios sagrados importantes, a decorrente restrição de acesso a essa área tradicional vem causando revolta crescente entre os indígenas. Associada à apropriação de suas margens tem-se a ocupação cada vez maior do reservatório por criatórios artificiais de peixes , nas quais seus proprietários impõem áreas de restrição de pesca nas proximidades dos tanques-rede.

“Hoje tá mais difícil pra pescar, porque fecharam [as margens], né? Só deixaram os becos. Você não pode se arranchar . Você até pode fazer sua atividade, mas os donos não deixam se arranchar. Eles dizem: ‘você não pode se arranchar aqui porque é minha propriedade’. Aí você corre para o outro, quando chega lá o cabra pergunta: ‘você tá fazendo o que aqui?’, aí eu respondo que quero trabalhar e ele fala ‘não! Pescador tem família demais, você vem hoje, amanhã trás três, quatro, daqui a pouco tá cheio aqui dentro. Eu não quero!’. Fica essa situação, chega a um ponto que você vai ter que fazer um barraco no meio do rio para morar, porque o proprietário não dá acesso [...] Até de cadeado eles fecham as porteiras.”

(Cícero Pescador, set/2014).

Soma-se a isso ainda o fato de que, apesar da proximidade o imenso reservatório, muitas aldeias nas Terras Indígenas Entre Serras e Pankararu não possuem acesso a água encanada, que gera ainda mais queixas dos indígenas em relação às prioridades das políticas públicas governamentais.

A seguir, mostramos o Plano de Ação que foi elaborado para enfrentamento dessas ameaças.

“Hoje nós moramos há três quilômetros do rio e somos abastecidos por carros pipa. Enquanto a gente sabe que a transposição está aí, sendo realizada para abastecer o Ceará, por exemplo, nós aqui há três quilômetros do rio somos abastecidos pelo carro pipa”.

Fala registrada durante a oficina na aldeia Mundo Novo (agosto/2014).

PLANO DE AÇÃO

INDICATIVOS DE GESTÃO PARA A TERRA INDÍGENAS ENTRE SERRAS / PANKARARU

	Desafio	Ação	Possíveis atores
Questões relacionadas a regularização fundiária	Escassez de terras	Continuar lutando pelo território ainda não reconhecido, pelo direito de usa-lo, por ser tradicional.	O povo, Funai, populações regionais.
	Desintrusão dos posseiros	Conscientização política envio de documentos, pressão Acompanhar processos ações na justiça. Divulgar etnomapeamento	O povo, Funai Brasília, MPF, judiciário, Cidades vizinhas
	Privatização das margens do São Francisco	Lutar pelo direito de acessar às margens e as futuras gerações lutarem para que a demarcação da TI chegue as margens	Poder público, população local
Água e Matas	Desmatamento e caça , por não-índios	Criar reserva, reflorestar e denunciar	O povo, os jovens, a polícia, IBAMA, Funai, etc.
	Recuperação de matas rios e nascentes	Participação dos jovens na recuperação de matas rios e nascentes, realização de oficinas de agroecologia; Tirar os encanamentos das nascentes de água; Reflorestas as áreas das nascentes.	O povo, os jovens, parceiros
	Abastecimento de água (casas sem abastecimento de água, dependência dos carros pipa, etc)	Denúncia e cobrança do término das obras que estão levando os encanamentos para as aldeias, Continuar o investimento em construção de cisternas e ações de convivência com o semiárido	Autoridades públicas, SESAI, comitê de Bacias do São Francisco, o povo.
	Conservação de frutíferas e espécies importantes por motivos rituais: o umbu, o croá, o murici, o ouricuri, etc.	Mapear ocorrências, viveiros de mudas, conservar a caatinga	O povo, os jovens, parceiros.
Croá	Cuidar do modo como se extrai, não matando a gema apical (retirar as folhas laterais e deixar a folha mais nova do ápice, que mantém a planta viva) também respeitar o bulbo. Diminuir ou regular o consumo, mediante acordo entre terreiros e as pessoas da religião	Extratvistas Pessoas da religião e povo em geral.	

Água e Matas	Reservas de croá explorados fora dos limites da Terra Indígena	Acordos com proprietários dessas terras, ou legislação que garantisse sua livre exploração (a exemplo do que existe em municípios do Maranhão para o babaçu, o “Babaçu Livre”) poderiam ser adotados.	Proprietários de terras, poder público municipal
	Coleta de lixo nas aldeias		O povo, escolas indígenas, SESAI e poderes municipais
Questões ligadas a urbanização	Riscos de acidentes , sobretudo na PE 375 (Petrolândia - Tacaratu)	Cobrar soluções técnicas, sinalização, acostamento, redutores de velocidade, faixas para tráfego de pedestres, etc.	DER PE
	Risco de acidente em estradas da TI Entre Serras e Pankararu	Acordos internos	Transeuntes, condutores e passageiros
	O lixão de Tacaratu dentro da terra indígena, a montante da sede municipal e próximo às margens do riacho Tacaratu	Precisa ser desativado à luz da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos (12.305/2010), e condicionado adequadamente a jusante da sede municipal e longe de corpos d’água.	Prefeitura de Tacaratu, Ministério Público
	Os problemas advindos da urbanização : complexos de serem tratados, os problemas são diversos e podem envolver preconceitos, hábitos (álcool, por exemplo).	Trabalhos de sensibilização de setores da população para a presença pankararu como ação afirmativa, benéfica aos municípios.	Os atores envolvidos são muitos, as três cidades da vizinhança.
Empreendimentos que afetam as TIs	O Parque de Energia Eólica , na fronteira da TI Entre Serras	Cobrar licenciamento, enfrentando a questão de que, por diversas razões, sua existência afeta a vida dos Pankararu e da fauna regional.	MPF, MME
	Projetos agrícolas irrigados , contaminação das águas, do solo e do alimento. Usa-se muito veneno e isso acaba chegando às nossas casas como alimento, portanto, mesmo os que buscam plantar orgânicos (sem veneno) podem sofrer contaminação vinda da região	Na TI Entre Serras/Pankararu tem gente plantando agricultura sem veneno, divulgar campanhas esclarecedoras, cobrar autoridades, se engajar em redes maiores pela causa. articulações em nível nacional.	Poder público, parceiros no Brasil, povo, técnicos etc.
	Projeto de construção de usina nuclear em Itacuruba, a 50km da terra, um terço da distância entre Kiev e Chernobyl, por exemplo.	Manter-se informados, articulados com outros movimentos sociais da bacia do São Francisco	Parceiros e poder público

Empreendimentos que afetam as TIs	Transposição do Rio São Francisco	Manter-se articulados com outros movimentos sociais da bacia do São Francisco	Parceiros e poder público
	Linha de transmissão	Cobrar licenciamento, enfrentando a questão de que, por diversas razões, sua existência afeta a vida dos Pankararu e da fauna regional	MPF, MME, o povo, Funai
Produção	A terra está “fraca”, esgotada pelos posseiros nas áreas que já foram indenizadas	Buscar investimentos para melhorar a produção e as condições da terra. Irrigação para as plantações	O povo, Funai, parceiros, municípios
	A inconstância das chuvas, seca, estiagens	Buscar tecnologias de convivência com o semiárido	O povo, Funai, parceiros, municípios

